

**A MULTICULTURALIDADE NA  
DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**Silvino Carvalho de Oliveira**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**Outubro, 2014**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizada sob a  
orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva

Educar é um gesto de amor, é dar vida.

E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos,  
que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência,  
juntamente com os jovens.

Papa Francisco

*Discurso do Papa Francisco  
aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica,  
13 de Fevereiro de 2014*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que tornaram possível a elaboração desta dissertação de Mestrado:

Primeiramente, quero expressar um muito obrigado a todos os professores que me acompanharam e orientaram nestes dois anos de Mestrado.

À Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, um agradecimento muito especial por todo o apoio e a quem nunca será demais agradecer a disponibilidade com que aceitou orientar este trabalho, e também pelas sugestões dadas e a mestria demonstrada no decorrer desta investigação.

À minha esposa Fernanda, pelo amor e compreensão que tem demonstrado durante o tempo que este trabalho ocupou e pelo apoio que sempre me concedeu, principalmente nos momentos mais complicados.

Ao Marco pela ajuda preciosa que me concedeu num crucial momento deste trabalho.

À Direção do Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos e aos colegas, pelo apoio que sempre me demonstraram e que foi fundamental para o bom êxito deste trabalho.

Ao Secretariado Diocesano do Ensino Religioso, pelo apoio que tenho recebido, sem o qual nada disto teria sido possível.

Aos professores e professoras que ao longo da minha vida me transmitiram os conhecimentos e valores que fizeram de mim a pessoa que eu hoje sou.

Aos meus alunos, pelas pessoas que são e pelo que me ajudaram a ser.

À Primeira Comunidade Neocatecumenal da Paróquia de São Francisco de Assis, pelo carinho e confiança que sempre me demonstraram.

A Deus.

Agradece-se também à Universidade Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas pelo fato de proporcionar uma oportunidade de formação especializada tão importante para a minha atividade profissional.

A todos o meu obrigado!

## RESUMO

Desde sempre que a convivência entre pessoas e grupos de culturas e etnias diferentes se tem revelado difícil, e as grandes e profundas alterações na sociedade europeia têm vindo a alterar um pouco os paradigmas a que estávamos habituados em termos de convivência entre as pessoas, revelando uma sociedade com um tecido cada vez mais multicultural. Assim, torna-se pertinente uma educação que seja marcadamente multicultural. Entendemos que o conceito de multiculturalidade deve estar mais presente, aliás, na forma como se faz e pensa a educação hoje, por isso, é nosso entendimento, que é necessário rever mesmo a génese profunda do ato educativo e tudo o que isso implica na atualidade, pois não é possível pensar a educação e a escola hoje desligando-a da sua realidade multifacetada e multicultural.

A disciplina de EMRC (Educação Moral e Religiosa Católica) é uma disciplina que tem já uma longa história de implementação no sistema de ensino português, existindo em quase todas as escolas do Ensino Básico e Secundário, por direito próprio ao abrigo da Concordata celebrada entre o Estado Português e a Santa Sé em 7 Maio de 1940 e ratificada em 18 Maio de 2004. A Disciplina de EMRC encontra-se assim incluída na matriz curricular do nosso sistema de ensino.

Uma vez que a implementação da Disciplina de EMRC é da responsabilidade da Igreja Católica e tendo em linha de conta os valores e princípios naturalmente inerentes ao cristianismo, é legítimo supor a pertinência desta disciplina para uma educação e convivência multiculturais.

O presente estudo pretendeu investigar o modo como a disciplina de EMRC contribui para uma educação multicultural. Propusemo-nos para isso encontrar, através de uma revisão da literatura, os principais elementos que constituem uma verdadeira educação, e neste sentido, definir a relação entre a escola e a multiculturalidade, e assim, contextualizar a educação multicultural.

A tarefa seguinte foi a de comparar o conceito e a realidade da educação multicultural com o programa de EMRC. Procurámos complementar este estudo com a aplicação de um questionário a uma amostra significativa de professores de EMRC da Diocese de Lisboa, instrumento este que foi construído a partir da análise da literatura efetuada e tendo por base, sobretudo, o programa curricular, os manuais da disciplina e outros documentos relevantes para o tema em estudo. Pretendemos aferir o grau de importância dada pelos docentes à educação multicultural através da disciplina de EMRC, pelo menos nas escolas onde se verifique uma grande diversidade étnica. Para consolidar o estudo, foi também realizada uma entrevista a alguns professores e informantes – chave com destaque para a Disciplina.

Pretendeu-se ainda investigar o grau de sensibilidade dos professores para uma verdadeira educação multicultural e as limitações encontradas por eles no programa e respetiva prática pedagógica, nomeadamente na sua ação como professores de EMRC e, eventualmente, a formulação de possíveis sugestões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Escola e Multiculturalidade; Educação Multicultural; Educação Moral e Religiosa Católica.

## **ABSTRACT**

The coexistence between people and groups of different cultures and ethnicities has always been difficult, broad and profound changes in European society have been changing slightly the paradigms we are used to in terms of relationships between people, revealing a society with an increasingly multicultural fabric. Thus, it is pertinent the existence of an education that deeply multicultural. We believe that the concept of multiculturalism should be more present, moreover, in the way we educate and we think education today, so it is our understanding that it is necessary revise the deep origins of the educational act and all that that implies nowadays, as it is not possible to think school, disconnecting it from its multifaceted and multicultural reality.

The subject EMRC, it is a subject, which has a long history of implementation in portuguese educational system, existing in almost all primary and secondary schools in, in their own right under the Concordata signed between the Portuguese State and the Holy See on 7 May 1940 and ratified the May 18, 2004. The subject EMRC is thus included in our education system matrix.

Since the implementation of EMRC discipline is responsibility of the Catholic Church and taking into account the values and principles naturally inherent to Christianity, it is legitimate to assume the relevance of this course for a coexistence and multicultural education.

The present study aims to investigate how the EMRC discipline contributes to a multicultural education. We intend for this, find, through a literature review, the main elements that constitute a real education, and in this sense, define the relationship between the school and multiculturalism, and thus contextualize multicultural education.

The next task is to compare the concept and reality of multicultural education with the EMRC program and manuals. We propose to complement this study with applying a questionnaire to a representative sample of EMRC teachers from Lisbon Diocese, this instrument will be constructed from the analysis of literature review and based on, mainly, the subject curriculum, discipline manuals and other relevant documents to the topic under study. We intend to assess the degree of importance given by teachers to multicultural education through EMRC discipline, at least in schools where there is a large ethnic diversity. To strengthen the study will also be conducted an interview with some teachers and key informants with emphasis on Subject.

We also intend to investigate the degree of sensitivity of teachers to a true multicultural education and the limitations found by them in the respective curriculum and pedagogical practice, particularly in its action as teachers of EMRC and eventually the formation of possible suggestions.

**KEYWORDS:** Education; School and Multiculturalism; Multicultural Education; Catholic Religious and Moral Education.

## RÉSUMÉ

La convivialité et les rapports entre des gens et des groupes de différentes cultures a toujours été un problème et les changements et les évolutions profondes dans la société européenne ont changé un peu les structures auxquelles nous étions habitués dans les rapports entre les personnes, manifestant une société avec un tissu beaucoup plus culturel.

Ainsi il faut choisir surtout une éducation multiculturelle. Cette réalité doit être plus présente dans l'origine de l'éducation, donc il faut même repenser l'action éducative à sa naissance et tout ce que cela nous porte de nouveau car il n'est pas possible de penser l'école hors de sa réalité plurielle et multiculturelle.

La matière de EMRC est une matière qui a déjà une grande histoire dès sa naissance dans le système éducatif portugais et elle existe dans toutes les écoles et lycées jusqu'à la Terminale, par son droit même selon l'accord (la Concordata) célébré entre l'état portugais et la Sainte Sé le 7 mai 1940 et révisée le 18 mai 2004. La matière de EMRC appartient donc à la structure du curricula de notre système éducatif.

Il est compréhensif / légitime d'accepter cette matière dans le cadre d'une éducation et convivialité multiculturelle.

Ce travail veut rechercher comment la matière de EMRC veut donner sa contribution pour une éducation multiculturelle. Nous nous proposons de rencontrer les éléments principaux, selon la littérature, qui constituent une vraie éducation et donner une définition de rapports entre l'école et la multiculturalité pour situer l'éducation multiculturelle.

La tâche qui se suit est d'établir une comparaison le concept et la réalité de l'éducation multiculturelle et le programme et livres de EMRC.

Nous essayerons de compléter cette étude avec une interview, une enquête à différents professeurs de EMRC de Lisbonne, un outil qui sera construit dès l'analyse de littérature réalisée et le programme du curriculum, les livres et autres documents importants dans ce sujet en étude. On voudra savoir le degré d'importance qui a l'éducation multiculturelle pour ces professeurs, dans cette matière, au moins dans les écoles qui ont plus de nationalités / cultures.

On le fera aussi, les enquêtes, à quelques autres professeurs et informateurs clés pour cette matière. On voudra aussi faire la recherche du degré de sensibilité des professeurs à une vraie éducation multiculturelle et les défis rencontrés dans le programme et donc dans la pratique pédagogique, autant que professeurs de EMRC en apportant, peut-être des suggestions et solutions pour les problèmes rencontrés.

**MOTS CLÉS:** Éducation; École Multiculturalité; Éducation Multiculturelle; Education Morale et Religieuse Catholique

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>5</b>
Introdução .....	5
1- A educação como uma tarefa fundamental da sociedade .....	7
2- A escola e a multiculturalidade: diversidades culturais na escola .....	11
3- A educação multicultural - princípios orientadores .....	14
4- A EMRC como contributo importante para a escola multicultural: .....	19
4.1 – Fundamentação .....	19
4.2 – Objetivos .....	24
4.3 – Papel da disciplina de EMRC .....	25
4.4 – Papel do professor de EMRC .....	26
5- Síntese geral .....	31
<b>II PARTE - ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>33</b>
1. Introdução .....	33
2. Metodologia .....	33
2.1 - Opções metodológicas .....	34
2.2 - Participantes .....	35
2.3 - Instrumentos e procedimentos de recolha de dados .....	35
2.3.1) Análise do Programa .....	36
2.3.2) Entrevistas a “informantes - chave” sobre a EMRC.....	38
2.3.3) Questionário aplicado a professores de EMRC .....	39
3. Análise e discussão de resultados .....	42
3.1- Análise do Programa de EMRC.....	42
3.2- Apresentação e análise dos dados das entrevistas .....	48
3.3- Apresentação e análise dos questionários .....	50
4. Síntese geral .....	54
<b>III PARTE - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>56</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>60</b>
LEGISLAÇÃO .....	65
<b>ANEXOS .....</b>	<b>66</b>
ANEXO 1 – DADOS SOBRE ESTRANGEIROS RESIDENTES EM PORTUGAL .....	67
ANEXO 2 – REPRESENTAÇÃO DE ETNIAS NAS ESCOLAS PORTUGUESAS .....	68
ANEXO 3 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR MIGRAÇÕES (CENSO DE 2011) .....	70
ANEXO 4 – ALUNOS MATRICULADOS NA DISCIPLINA DE EMRC .....	71
ANEXO 5 – GRELHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA DE EMRC .....	72
ANEXO 6 - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS INFORMANTES–CHAVE DE EMRC.....	73
ANEXO 7 – ENTREVISTA APLICADA AOS INFORMANTES – CHAVE DE EMRC.....	75
ANEXO 8 – ENTREVISTA: GRELHA PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS .....	76
ANEXO 9 – PREPARAÇÃO DO QUESTIONÁRIO A APLICAR A PROFESSORES DE EMRC .....	77
ANEXO 10 – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORES DE EMRC .....	78
ANEXO 11 – GRELHA DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE EMRC.....	89



## LISTA DE ABREVIATURAS

AA – Decreto *Apostolicam Actuositatem* (o apostolado dos leigos – Concílio Vaticano II)

At – Livro dos *Atos dos Apóstolos*

CEEC – Comissão Episcopal da Educação Cristã de Portugal

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

ChL – Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (Papa João Paulo II)

CIC - *Codex Iuris Canonici* (Código de Direito Canónico)

CRP – Constituição da República Portuguesa

DGEBS - Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário

DGEEC – Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

Dt – Livro do *Deuterónimo*

EDUCRIS – Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

EN – *Evangelii Nuntiandi* (Exortação Apostólica do Papa Paulo VI)

FFMS – Fundação Francisco Manuel dos Santos

FPS – Formação Pessoal e Social

GE – Declaração *Gravissimum Educationis* (a educação cristã – Concílio Vaticano II)

GS – Constituição *Gaudium et Spes* (a Igreja no mundo atual – Concílio Vaticano II)

INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda

INE – Instituto Nacional de Estatística

Jo – Evangelho de *São João*

Mt – Evangelho de *São Mateus*

NA – Declaração *Nostra Aetate* (a Igreja e as religiões não-cristãs – Concílio Vaticano II)

ONU – Organização das Nações Unidas

PP – *Populorum Progressio* (Carta Encíclica do Papa Paulo VI)

SC – Constituição *Sacrosanctum Concilium* (a sagrada liturgia – Concílio Vaticano II)

SCOPREM - Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural

SDER – Secretariado Diocesano do Ensino Religioso

SNAO – Secretariado Nacional do Apostolado da Oração

SNEC – Secretariado Nacional da Educação Cristã

UCP – Universidade Católica Portuguesa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

### TABELAS:

	<i>Página</i>
Tabela 1: Proporção da população de nacionalidade estrangeira por país (primeiros países) – 2001 e 2011.	67
Tabela 2: Alunos matriculados / inscritos em atividades de educação e formação de nacionalidade estrangeira (as 20 mais frequentes), segundo o nível de ensino e o ciclo de estudo, por país de origem.	68
Tabela 3: Alunos matriculados na disciplina de EMRC em estabelecimentos de educação e ensino da rede pública do Ministério da Educação e Ciência.	70
Tabela 4: Alunos matriculados na disciplina de EMRC em estabelecimentos de educação e ensino da rede pública do Ministério da Educação e Ciência.	71
Tabela 5: ocorrências em cada categoria de análise constante do novo Programa de EMRC.	72

### GRÁFICOS:

Gráfico 1: Nacionalidade da população residente estrangeira por país (primeiros países) – 2001 e 2011.	67
Gráfico 2: Alunos matriculados / inscritos em atividades de educação e formação de nacionalidade estrangeira (as 20 mais frequentes), segundo o nível de ensino e o ciclo de estudo, por país de origem.	69

## INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste estudo é saber de que modo a disciplina de EMRC contribui para uma educação multicultural e até que ponto a multiculturalidade está presente nos programas e manuais, bem como na prática pedagógica desta disciplina curricular. Para concretizar o nosso objetivo, elaborámos um questionário (Anexo 10), o qual foi aplicado ao universo de professores da disciplina que atuam na área da Diocese de Lisboa, constituído por cerca de 400 professores. Destes obtiveram-se apenas 8 respostas, número muito reduzido, mas que não deixámos de considerar. A elaboração do questionário baseou-se na revisão da literatura efetuada. Realizámos ainda 3 entrevistas exploratórias (Anexo 7) a informantes-chave com papel de destaque sobre a disciplina de EMRC (responsável nacional, responsável diocesano e um professor orientador de estágios e coautor dos manuais e programa de EMRC a lecionar numa escola marcadamente multicultural).

Analizados os materiais recolhidos, considerámos que, embora o programa e os manuais de EMRC à partida não pareçam ter uma intenção explícita de realizar uma educação multicultural, apresentam em muitos momentos inúmeros aspetos suscetíveis de realizar esse tipo de educação, nos conteúdos e na metodologia, e mais ainda, na prática pedagógica dos docentes, sobretudo nas escolas onde se verifica a existência de maior diversidade étnica. Verificamos também que a sensibilidade dos professores para a necessidade de realizar uma educação de tipo multicultural ou intercultural nas suas escolas é acentuada pela presença mais ou menos considerável de alunos de etnias diferentes. Por fim, referimos as limitações que encontramos no programa e manuais de EMRC, bem como na prática pedagógica dos docentes de EMRC, formulando algumas sugestões que nos parecem pertinentes para uma educação verdadeiramente multicultural.

Considerámos importante para o nosso estudo começar por abordar os conceitos de educação, a relação entre escola e multiculturalidade, educação multicultural e, por fim, o que é ou o que significa a EMRC.

O primeiro pressuposto, se é que assim podemos dizer, e o ponto de partida para esta reflexão, está na máxima refletida pela ONU (1948), que é a convicção da igualdade fundamental de todos os seres humanos. Esta igualdade, afirmada por muitos indivíduos e grupos ao longo dos tempos foi fortemente reconhecida por uma significativa parte da humanidade através da assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) em 1948. Apesar dos inúmeros desrespeitos a este princípio fundamental que se verificaram desde então, o reconhecimento oficial e consequente legislação atualizada ao longo do tempo em boa parte do mundo é um fato digno de registo.

Este pressuposto decorre do dever de respeitar igualmente todos os indivíduos e grupos e da necessidade de educar para a sã convivência numa sociedade cada vez mais diversificada. Ouellet (1991) refere que uma educação que não preparasse os alunos para analisar os obstáculos que se levantam continuamente, na via das relações harmoniosas entre os grupos numa sociedade, passaria ao lado da principal finalidade da educação propriamente dita, ou seja, a de desenvolver uma melhor capacidade de participar na interação social.

O Relatório Delors (2010) para a UNESCO vai ao encontro da necessidade de desenvolvimento de uma maior compreensão do outro e da perceção das interdependências sociais, culturais e económicas. Assim, o problema de investigação do nosso estudo assentará sobre a determinação da verdadeira dimensão desta vertente educacional, a perspetiva multicultural vivenciada e experimentada no contexto da disciplina de EMRC, nomeadamente em aspetos como o trabalho em equipa, as relações interpessoais, a convivência, a cooperação, a prevenção e a resolução de conflitos pela não-violência ou a comunicação, entre outros (Gomes, 2001).

Inspirados nestes pressupostos, formularam-se algumas questões a que pretendemos responder com a realização deste estudo:

- Em que medida o programa de EMRC inclui uma educação multicultural?
- Os manuais da disciplina de EMRC fazem abordagens que podem ser consideradas como educação multicultural?

- De que forma os professores da disciplina de EMRC abordam uma educação multicultural na sua prática pedagógica?

Estas questões podem ser desdobradas em muitas outras, que ajudam a compreender toda a dimensão do tema do nosso estudo, como as que se seguem:

Sendo a EMRC uma disciplina confessional e uma presença da Igreja Católica na escola, estará esta disciplina a realizar uma educação multicultural? Os autores do programa e manuais terão levado em linha de conta os valores cristãos intimamente relacionados com as questões da multiculturalidade e, por assim dizer, as mudanças que se têm verificado na nossa sociedade e, em consequência, nas nossas escolas? Terão eles compreendido a necessidade urgente de realizar uma educação multicultural através dos programas e manuais da sua autoria?

Estarão também os professores de EMRC conscientes da necessidade de realizar uma educação multicultural na sua prática pedagógica, procurando assim, pelos meios à sua disposição, e pelas estratégias utilizadas, realizar esse tipo de educação? Será possível verificar nos próprios alunos o resultado de uma educação multicultural praticada por parte dos seus professores de EMRC?

Em suma, a escolha do tema de fundo para o nosso estudo prendeu-se sobretudo com dois aspetos fundamentais:

- Como a disciplina de EMRC se encontra presente em praticamente todas as escolas do País (CEP, 2006), surge-nos pertinente investigar alguns aspetos desta disciplina;

- Visto que um dos objetivos da disciplina de EMRC é a transmissão de determinados valores éticos e morais (Pereira, 2007), sentimos a necessidade de refletir sobre a maneira como se realiza e concretiza nesta disciplina as questões e os problemas relacionados com a multiculturalidade, e até que ponto a educação multicultural está contemplada nos seus programas e no seu ensino.

A disciplina de EMRC é uma presença real da Igreja Católica na escola, obrigatoriamente oferecida a todos os alunos que pretendem frequentá-la, a qual está garantida pela legislação em vigor, nomeadamente, a Concordata assinada entre o Estado português e a Santa Sé. Tendo também presente os valores inerentes ao

cristianismo, podemos de fato supor que esta disciplina tenha um papel considerável para a transmissão e vivência dos valores marcadamente importantes para uma verdadeira convivência multicultural entre as pessoas.

Deste modo, delineámos como objetivos deste trabalho, os seguintes:

- Explicitar em linhas gerais o conceito de educação;
- Evidenciar as características da sociedade multicultural presentes no mundo atual, e em particular na escola;
- Identificar as principais dimensões de uma educação multicultural através de uma clarificação do sentido da fraternidade entre os seres humanos do ponto de vista da tradição judeo-cristã nos fundamentos, objetivos e experiências da disciplina de EMRC;
- Examinar como o ensino da EMRC contribui para uma educação multicultural.

O nosso estudo encontra-se organizado em 3 partes:

Na primeira parte apresentamos o enquadramento teórico da literatura por nós analisada que agrupamos em quatro blocos:

- 1) A educação em linhas gerais e à luz dos documentos e do magistério da Igreja Católica;
- 2) A relação entre escola e multiculturalidade;
- 3) Os princípios orientadores de uma educação multicultural na perspetiva cristã;
- 4) Análise fundamentada dos objetivos da disciplina e do papel do professor de EMRC na escola.

Na segunda parte descrevemos o estudo empírico, no qual pretendemos explicitar a metodologia utilizada neste trabalho, a forma como efetuámos a análise dos manuais e do programa, os critérios utilizados na elaboração dos instrumentos de trabalho, nomeadamente o questionário enviado via correio eletrónico aos professores e a entrevista realizada a alguns informantes – chave. Fazemos uma análise e discussão dos resultados obtidos.

Finalmente, na terceira parte, apresentamos as conclusões e recomendações sobre os resultados obtidos, a validade dos mesmos e o interesse que podem ter, bem como a apresentação de algumas observações sugeridas pela investigação realizada.

## **I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **Introdução**

Ao iniciar este capítulo, podemos começar por referir que consideramos a revisão da literatura imprescindível para a elaboração de qualquer trabalho científico. Deste modo, atendendo ao tema do nosso estudo consideramos determinante definir um quadro teórico que nos permita delimitar um pouco os aspetos mais relevantes no sentido de termos uma perspetiva englobante e simultaneamente esclarecedora.

Ao pretender realizar uma investigação, teremos de acreditar na importância e necessidade deste enquadramento para a qualidade do projeto e da pesquisa. Assim, ao elaborar o trabalho de investigação é necessário começar por ter uma ideia esclarecida sobre o problema que pretendemos ver resolvido e, para que se venha a verificar esta clareza, a etapa da revisão da literatura é de extrema importância. Trentini e Paim (1999), citados por Echer (2001), referem que a seleção criteriosa de uma revisão de literatura respeitante ao problema a investigar significa familiarizar-se com textos e, através deles, reconhecer os autores e aprofundar conhecimentos já estudados anteriormente. Também segundo estes autores, o estímulo ao pensamento e a definição de um problema de investigação têm como ponto de partida e de chegada a revisão da literatura sobre o tema. A pesquisa de textos de literatura é necessária para apoiar decisões de estudo, investigar dúvidas, verificar a posição de outros autores sobre determinadas questões, atualizar conhecimentos, reorientar o enunciado de um problema, ou até, encontrar novas metodologias que enriqueçam o projeto de pesquisa. Por outro lado, o estudo de trabalhos já produzidos e publicados permite reconhecer a unidade e diversidade interpretativa existente no eixo temático em que se insere o problema em estudo, ampliar e ramificar a análise possibilitando compor as abstrações e sínteses que qualquer pesquisa requer, contribuindo para a coerência nas argumentações.

Voltando o nosso olhar para o tema que pretendemos abordar nesta reflexão, consideramos pertinente analisar, por um lado as dificuldades de convivência entre grupos de diferentes origens étnicas e culturais e os princípios de educação para uma

convivência multicultural, e por outro, ser necessário analisar a perspectiva cristã sobre o relacionamento e a convivência entre pessoas diferentes (CEP, 2006), como é o caso específico da disciplina de EMRC. Como revela Nunes (2004), no horizonte dos valores fundamentais da civilização cristã, integra-se a própria tradição cristã, esta que é criadora de cultura, portadora de uma mundividência própria apontando para um caminho preciso e condicente à realização humana.

Consideramos interessante começar também por destacar aqui o pensamento muito pertinente do atual chefe da Igreja Católica, o Papa Francisco, acerca das questões que nos preocupam neste trabalho. Para o Papa, na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), quando se faz evangelização hoje, e a escola também é um campo de missão aberto à evangelização, é necessário que esta “ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais” (ponto nº74). O Papa adianta que é necessário “alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. Não se deve esquecer que a cidade é um âmbito multicultural” (idem). Mais adiante, esclarece que “nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos setores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis. Na realidade, convivem variadas formas culturais” (ibidem) (Francisco, Papa, 2013).

Deste modo, há que estabelecer um quadro conceptual em que se evidenciem as características da educação e da sociedade multicultural do mundo atual, em particular do contexto escolar, as dimensões de que se reveste uma educação multicultural e a relação íntima entre a escola e a multiculturalidade, e finalmente, examinar os fundamentos, objetivos e experiências da disciplina de EMRC.

Posto isto, pensámos estruturar o nosso estado da arte teórico em quatro etapas ou blocos fundamentais que nos parecem pertinentes para esta tarefa analisados sempre numa perspectiva cristã devido ao enfoque temático da nossa investigação, ou seja, das relações entre os diversos povos e culturas do ponto de vista educativo e concretamente para a disciplina de EMRC:

- 1) A educação como uma tarefa fundamental da sociedade;
- 2) A escola e a multiculturalidade: diversidades culturais na escola;



- 3) A educação multicultural - princípios orientadores;
- 4) A EMRC como contributo importante para a escola multicultural: fundamentação, objetivos e papel do professor e da disciplina de EMRC na escola.

### **1- A educação como uma tarefa fundamental da sociedade**

O Papa Francisco, na sua Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais (1 de Junho de 2014), cujo tema para este ano foi a “comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro” resume um pouco aquilo que pretendemos transmitir com esta reflexão acerca da educação numa sociedade multicultural como é aquela em que todos nós vivemos. Diz o Papa que não basta estarmos todos “conectados”. Temos que ir ao encontro dos outros. “Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos”. De acordo com a sua Mensagem, o Papa está convencido de que só podemos ser uma referência para os outros se nos colocarmos a nós mesmos em jogo. Segundo ele, o educador, o professor, quem pretende comunicar e fazer a diferença, tem de chegar às “periferias existenciais” do ser humano, da cidade, onde quer que o ser humano viva e partilhe a sua existência (Francisco, Papa, 2014).

O futuro da humanidade e da sociedade depende em grande medida da educação, sendo esta um aspeto essencial a que devemos dedicar a melhor das atenções. Sem ela não pode acontecer qualquer desenvolvimento harmonioso e integral das crianças e jovens, e nela estará também assente em grande medida a qualidade do progresso e do desenvolvimento da nossa sociedade. Não entendemos que se trata apenas do mero ato de ensinar e transmitir conhecimentos, do qual a educação não nega a sua importância, pois contribui amplamente para o desenvolvimento do ser humano, a sua integração na sociedade e o progresso dos povos.

Neste sentido, torna-se necessário situar a formação cultural e profissional numa perspetiva mais vasta da educação plena da pessoa para que esta possa atingir a plenitude do seu desenvolvimento, quer pessoal, quer como cidadão do mundo. Marques (2000) perceciona a educação como o processo de desenvolvimento e

realização do potencial intelectual, físico, espiritual, estético e afetivo existente em cada criança. Segundo ele, designa também o processo de transmissão da herança cultural às novas gerações. Nesta perspectiva, cada sociedade deve prestar atenção ao aspecto espiritual e moral, revalorizando o elemento transcendental.

Não se pode conceber uma sociedade desligada de um projeto educativo. A educação dos seus membros é de fato a tarefa mais fundamental. Para Moreira (2001), a educação é o aspecto mais formal e estruturante da socialização das gerações que constituem a sociedade, nomeadamente, através da aquisição de crenças, emoções e valores de uma cultura. Ainda de acordo com este autor, a educação é a primeira exigência para a unidade da comunidade dos povos, a igualdade do género humano e a realidade de um património comum da humanidade.

De fato, de acordo com a nossa pesquisa, podemos considerar como um dos objetivos principais da educação, o de suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, bem como a construção progressiva e articulada dos aspetos relacional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual. A harmonia social resulta desta harmonia pessoal, a qual decorre da participação social e feliz, cooperante e solidária (CEP, 2002) das nossas crianças e jovens.

Salientamos uma nota da Conferência Episcopal Portuguesa (2002), muito importante para o nosso tema em estudo, na qual se destaca a educação como uma tarefa permanente e englobante que envolve uma diversidade de aspetos da pessoa e exige uma atmosfera concertada dos diversos agentes educativos, concluindo esta nota que “o educando progride no processo educativo na medida em que toma consciência da sua dignidade e da dignidade dos outros, em que se concilia, a pouco e pouco, com o seu meio humano e com o próprio ambiente e em que aprende a própria relação com o divino, a qual permite perceber todos os contornos da sua existência pessoal e social” (CEP, 2002, nº3).

Esta maneira de perceber a educação enquadra-se numa perspectiva englobante da pessoa e assume grande importância na construção pessoal. Conforme afirma Carneiro (1998, p.222), “educar sempre foi e continua a ser hoje uma tarefa eminentemente social. A formação da personalidade madura resulta tanto do

fortalecimento da autonomia pessoal como da construção de uma alteridade solidária, ou seja, do processo de descoberta do outro como atitude moral”.

A educação num sentido mais amplo visa permitir aos mais jovens basear a sua própria existência em valores não materialistas, impedindo fenómenos de discriminação social e cultural. Nesta perspetiva, tem sentido considerar como aspetos relevantes na formação da personalidade uma referência à dimensão religiosa na formação cultural e mais ainda, a abertura à transcendência e à liberdade conferida à vida prática e religiosa. Silva (2001) refere uma abertura em todas as culturas e civilizações, ao longo da história da humanidade, ao Outro, à verdade, à beleza, ao mistério, ao transcendente no qual se justifica e se reconhece como portadora de futuro e de sentido. O Papa Francisco, na Introdução à Mensagem para a 29ª Jornada Mundial da Juventude (13 de Abril de 2014), reconhece nesta abertura ao Outro, e através d’Ele aos outros, a chamada do próprio Jesus, nas margens do mar, para que cada um “O descubra como o tesouro mais precioso da própria vida e partilhe esta riqueza com os outros, próximos e distantes, até às extremas periferias geográficas e existenciais do nosso tempo” (Francisco, Papa, 2014). Já na sua visita ao Brasil por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude em Agosto de 2013, o Papa revelou a sua enorme preocupação para com todos, os que estão longe e os que estão perto. Segundo ele, o Evangelho deve chegar a todos, todas as pessoas, sem medo de levar Cristo a todos os ambientes. É preciso ir “até às periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente” (Francisco, Papa, 2013, ponto nº1). Esta é sem dúvida a missão da educação nos dias de hoje, numa sociedade multifacetada e cada vez mais multicultural. A educação tem de ser pensada e orientada para fora, para os outros, para as periferias, para os diferentes, para todos.

Para Nunes (2006), a dimensão espiritual da vida é fundamental para o ser humano, e por assim dizer, deve ser inserida no projeto educativo, salvaguardando o direito de todos, dos educandos e dos seus pais, os primeiros educadores dos seus filhos, os quais são chamados a transmitir, em primeira mão, o seu património cultural e espiritual, orientando os jovens para a dimensão transcendental da sua existência.

Não podemos esquecer a este propósito, o que nos diz o texto da Carta Pastoral da CEP (2002) intitulada “Educação – Direito e Dever – Missão nobre ao

serviço de todos”, quando afirma que “é a pessoa humana, na riqueza integral das suas dimensões, que constitui o objetivo central da nossa intervenção (educação). De facto, subjacente à (designada) crise da educação, encontra-se frequentemente uma visão reduzida da pessoa que leva a valorizar parcialmente algumas componentes ou valores em detrimento da verdade plena sobre o homem” (ponto nº2). De referir também outro pensamento do mesmo texto seguindo a mesma linha, o qual olha para a pessoa como um ser complexo nas suas várias dimensões: física, intelectual, afetiva, estética, social, moral, ética, espiritual e religiosa. Por isso se exige uma cuidada atenção a um desenvolvimento equilibrado em todas as suas vertentes. Continua este texto frisando a necessidade de promover os valores que conduzam a uma vida saudável, nomeadamente, os valores estéticos, caminho excelente da educação da sensibilidade.

Os valores éticos e morais dão à pessoa uma estrutura interior autónoma pelo exercício da inteligência e pelo treino da vontade. Pela educação da afetividade, desenvolve-se a maturidade humana e vai-se conquistando a consciência da responsabilidade, a prática da liberdade, o hábito da coresponsabilidade e da participação gratuita (CEP, 2002). Dado que faz parte da cultura estar sempre aberta ao universal, a educação baseada no desenvolvimento integral do ser humano e no carácter central da pessoa, deve dedicar-se a formar o homem em todas as suas dimensões do seu ser.

A verdadeira educação não tem por objetivo unicamente formar cidadãos, ou simplesmente formar homens de cultura. Deve, antes de mais, formar pessoas, livres e responsáveis, sobretudo no que diz respeito ao comportamento em matéria afetiva e social. O Papa João Paulo II, num Discurso à UNESCO em 2 de Junho de 1980, afirmava que a educação consiste em que “o homem se torne, cada vez mais, homem, que ele possa “ser” mais e não unicamente que ele possa “ter” mais, e que por consequência, através de tudo o que ele “tem”, tudo o que ele “possui”, ele saiba cada vez mais plenamente “ser” homem” (João Paulo II, 1980, ponto nº11).

Em resumo, a educação é acima de tudo a formação integral do homem, em todas as suas facetas, e a educação moral deve estar, por assim dizer, presente em todos os aspetos do ato educativo e a escola é o palco onde se joga e põe em prática, onde se realiza plenamente este papel que se atribui à educação, pois é na escola,

melhor do que em qualquer outro lugar do mundo, que encontramos o ser humano, nas suas mais diversas condições, sejam elas sociais, religiosas, culturais, etc.

## **2- A escola e a multiculturalidade: diversidades culturais na escola**

Desde o início do século XX que assistimos a um movimento migratório das populações, expresso em números, imagens e outras fontes, que têm provocado profundas transformações sociais, originando o convívio, nem sempre pacífico, de indivíduos de origens diferentes a partilhar o mesmo espaço (ver Anexo 1 sobre os dados estatísticos de estrangeiros residentes em Portugal entre 2001 e 2011). Este fenómeno conduziu à formação cada vez mais vincada de sociedades mais heterogêneas a vários níveis, por exemplo cultural, religiosa e racial. Estas mudanças no tecido social contribuem para o desenvolvimento de abordagens teóricas relativamente aos conceitos de educação multicultural e intercultural. Uma análise muito interessante sobre estas questões é-nos oferecida por Moreira (2001).

Esta tentativa de inclusão de grupos segregados da nossa sociedade que viveram quase sempre à margem do sistema educacional tem vindo a aumentar nos últimos anos. A escola é como um “micro - cenário da sociedade” e tem vindo a experimentar um choque de diferenças dentro do seu espaço, o que tem originado o surgimento de movimentos multiculturais no interior da escola e das salas de aula (Silva, 2008).

A globalização da sociedade torna cada vez mais urgente uma outra visão para a educação, diferente da tradicional, a do multiculturalismo, a qual defende na sua conceção, uma educação que seja para todos, no respeito pela diversidade, na sala de aula e fora dela, eliminando do nosso meio os estereótipos associados aos chamados grupos minoritários.

Como sublinha Postic (2008, p.55), “a escola é o local de encontro de várias culturas”. Este respeito pela diferença, e conseqüente integração, deve culminar na escola, palco de gestão das diferenças. Segundo Moreira (2001), esta realidade é hoje o corolário da educação para o pluralismo, pois, hoje mais do que nunca, todas as áreas culturais do mundo estão abertas ao diálogo, apelando cada vez mais à

tolerância e ao respeito pelas diferenças. De acordo com o autor, este diálogo e respeito pelas diferenças não se resume às relações transfronteiriças. São exigências das fronteiras criadas dentro dos próprios Estados, dentro das próprias escolas, dentro da própria educação.

As exigências referidas atrás são tanto mais urgentes quanto a realidade com que nos deparamos nas nossas escolas, e na própria sociedade em geral. Surgem das dificuldades que emergem da natural convivência entre grupos e pessoas de etnias diferentes. Para Ladmiral & Lipiansky (1989), estas dificuldades podem ser agrupadas em dois blocos consoante as causas das divergências ou conflitos: a rejeição da diferença e a dificuldade em compreender o outro que é diferente. Segundo estes autores, a rejeição do outro diferente está baseada em preconceitos que transmitem segurança, visto ser um sentimento partilhado por todo um grupo, que é baseado mais em estereótipos criados do que nos contatos e interação entre os elementos dos vários grupos. Para estes autores, este caminhar não é cómodo e exige que cada um se ponha em questão abrindo-se à realidade do outro. Trata-se de reconhecer o outro como diferente e aceitar relativizar o próprio sistema de valores, admitindo que possa haver motivações, referências e hábitos diferentes dos nossos. A realidade, infelizmente é outra, e um etnocentrismo muito arraigado leva a fazer da própria cultura a medida ou padrão para avaliar as outras. Como diz o Papa Francisco na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, “convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência” (Francisco, Papa, 2013, ponto nº74).

Por outro lado, e também de acordo com Ladmiral & Lipiansky (1989), é preciso analisar outro aspeto das causas de dificuldades de convivência entre pessoas ou grupos de diferentes etnias, a incapacidade para compreender aquele que é diferente na sua maneira de pensar, de sentir, nos seus conhecimentos e cultura, na sua língua, etc. Quanto às diferenças culturais, pode por vezes até existir alguma boa vontade de estabelecer um relacionamento amigável e continuar a experimentar alguma dificuldade real de compreensão e de diálogo, a qual vai ser entrave à relação que se pretende estabelecer.

Esta realidade está presente na escola, a qual é muitas vezes, senão quase sempre, o palco mais que privilegiado para o encontro das múltiplas e diversas realidades culturais e até étnicas (Anexo 2 sobre a representação étnica nas escolas portuguesas no ano letivo 2011/2012). Importa, de fato, ir ao fundo da questão e perceber a génese do problema que nos assiste. É preciso ter uma outra atitude para com o outro diferente, porque o outro é sempre diferente. Retomando Ladmiral & Lipiansky (1989), é preciso relacionar-se com o outro sem ser encarando-o como simples objeto de curiosidade, mas encontrando-se com ele como sujeito que está ao nosso nível e com o qual nos podemos confrontar. Trata-se de um encontro verdadeiro que passa também pelo conhecimento de si mesmo, ou seja, só quando estou seguro da minha própria identidade é que pode haver comunicação com os outros sem que esta possa ser colocada em causa. Só assim poderá haver diálogo intercultural e construção de uma realidade multicultural. Trata-se, de acordo com estes autores, de reconhecer o outro como um interlocutor em pé de igualdade, que tem mais pontos em comum connosco do que diferenças. Ladmiral & Lipiansky (idem) recordam que reconhecer as semelhanças que há no outro é admitir que a diferença não anula nem exclui a semelhança. Trata-se de chamar a atenção para a importância que tem compreender que pertencemos todos à mesma família humana. Para estes autores trata-se de dar um salto e entender que a diferença não é só um obstáculo à comunicação, mas também um estímulo e um enriquecimento.

Na sociedade atual, a escola é um dos principais agentes da educação. Mas porque é uma instituição da sociedade, esta tende a perpetuar as tendências dominantes. Segundo Cortesão & Pacheco (1991), a escola participa de forma mais ou menos explícita, mais ou menos violenta, no aumento da preponderância da cultura dominante, e por isso mesmo, existe um certo aniquilamento simbólico das culturas chamadas de minoritárias. No entanto, a escola também é, no dizer de Hodder (1992, p.1), “uma importante fonte de identidade pessoal e de integração no grupo”. O desafio continua o autor, que se coloca à escola, será o de criar uma identidade partilhada e metas que sejam complementares e não opostas às identidades dos alunos.

Como que a resumir o que atrás ficou dito, Coelho (2005), depois de fazer uma breve análise da história da educação, conclui que a escola é plural onde se aprende sobretudo, a viver em paz uns com os outros, na compreensão, na cooperação, na amizade, em liberdade, ultrapassando religiões, partidos e filosofias de vida diferentes. A escola é o espaço onde todos podem entrar e aprender a sua língua e a língua dos outros.

### **3- A educação multicultural - princípios orientadores**

A experiência revela que o convívio entre pessoas e grupos de diferentes realidades culturais, em qualquer parte do mundo, não é fácil nem espontâneo. Aquele que de alguma maneira é visto como diferente é, não raramente, olhado com alguma desconfiança. Esta convivência, passa pela educação, na qual a escola tem um importante papel a desempenhar.

De acordo com Delors (2010), a educação tem de encarar este problema da multiculturalidade pois ela, pela sua natureza específica, encontra-se no centro do desenvolvimento da pessoa e das comunidades humanas. É tarefa da educação fazer frutificar talentos e capacidades.

Segundo Ouellet (1991), a educação para uma convivência multicultural terá de incluir duas vertentes na sua orientação: a educação daqueles que estão em maioria na sociedade, para que se abram a outras realidades e aprendam a respeitá-las reconhecendo as suas riquezas e potencialidades e, simultaneamente, a educação daqueles que estão em minoria, para que sejam capazes de assumir a especificidade da sua cultura e valores, na descoberta progressiva e no respeito pela realidade do meio que os envolve.

Freire (1996, p.23) remete-nos para uma educação multicultural ao afirmar que,

“uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante,



transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto”.

Deste modo, a ideia de educação multicultural assenta no reconhecimento e no respeito pelas diferenças proporcionando a todos o acesso ao conhecimento e à possibilidade de participação ativa no ambiente escolar de que são parte integrante.

De acordo com Silva (2008, p.29), a ideia que está subjacente ao conceito de educação multicultural é a “igualdade de oportunidades educativas para todos os alunos”, os quais se encontram culturalmente organizados, com uma identidade própria enquanto indivíduos e enquanto comunidade. Por isso, para que seja possível a igualdade, o caminho a percorrer é o da educação multicultural, através da realização de “mudanças nos objetivos, normas e cultura da escola, no currículo, nos materiais de ensino, nos estilos de ensino e de aprendizagem, nas atitudes, perceções e comportamentos dos professores” (Silva, 2008, pp.29-30).

Ouellet (1991), na sua obra “L’Éducation Interculturelle”, refere que, na matriz do mundo moderno, uma boa educação não pode ser monocultural, pois esta abre o caminho para o racismo. Este autor equaciona o problema que frequentemente se levanta, o de que ao fazer uma educação marcadamente multicultural e intercultural se dificulta a vida em sociedade, orientando-a para padrões de vida e valores comuns. O autor defende que uma educação multicultural não só não nega a necessidade de uma cultura comum numa mesma sociedade, como até ajuda a cultura dominante a ser menos rígida e menos tendenciosa.

Um dos aspetos que nos parece de importância acrescida é o da necessidade de existir uma educação para o conhecimento e para o reconhecimento das várias culturas e etnias que habitam o espaço que partilhamos. Cortesão & Pacheco (1991), referindo-se por exemplo ao papel dos professores, referem ser indispensável a identificação das distâncias e proximidades entre os conhecimentos e a cultura oferecidos pela escola e aqueles de que os diferentes grupos e crianças são portadores, no sentido de permitir organizar uma intervenção ao nível das práticas pedagógicas. Neste sentido, Reiff & Cannella (1992) consideram que a preparação dos professores deverá ser baseada no reconhecimento de que o desenvolvimento

cognitivo do indivíduo não pode ser isolado do seu contexto social e que esta preparação deve levar à compreensão do efeito que os valores têm sobre a realidade e do impacto que a cultura exerce sobre o indivíduo. É um fato que os docentes estão hoje confrontados e cada vez mais com turmas de alunos que são, à imagem da sociedade em que vivemos, das mais diversas origens.

Se o professor tiver consciência desta realidade a ter em conta, de que existem diferenças dentro da sua sala de aula, concordará com o que vem estipulado no Guia Orientador da Elaboração de Projetos Interculturais (1992), o qual considera que a presença de alunos com proveniências culturais e linguísticas diferentes, longe de constituírem um obstáculo ao ato educativo, constituem uma janela de “oportunidade única de enriquecimento mútuo, facilitadora do desenvolvimento dos valores da tolerância, da solidariedade e do respeito pela diferença” (DGEBS, 1992, p.8).

Para uma criança em crescimento, é imprescindível o conhecimento do outro que é diferente de si para que possa eliminar preconceitos, tais como o racismo e a discriminação que deles derivam. Compreender que somos diferentes conduz a uma maior flexibilidade de atitudes exigindo também um maior autoconhecimento e um reforço da própria identidade, tanto pessoal como cultural. Daí a necessidade de começar muito cedo este tipo de educação para a diferença, para uma sociedade multicultural. Treppte (1993) refere uma experiência realizada na Alemanha com crianças com diversos tipos de dificuldades e os bons resultados obtidos na referida experiência, que visava a integração social de uma minoria étnica sem se perder de vista os valores da cultura de origem. Esta reflexão faz sentir a necessidade de habituar, desde cedo, as crianças a olhar para outras culturas e a confrontarem-se com temas de culturas diferentes por mais exóticas ou estranhas que pareçam, levando-as a interpretar o que veem, a esclarecer dúvidas, a corrigir eventuais hipóteses ou formulações iniciais e a encontrar razões objetivas para a sua forma de olhar para os outros.

Segundo Clavel (1990), o reconhecimento dos contributos positivos que podem ser dados pelas diversas culturas, são um valor acrescido para todos os grupos e indivíduos e são geradores de um contexto favorável à sua responsabilização e à sua integração na sociedade, assim como também, à formação da sua própria identidade.

Crescer no conhecimento dos outros e no seu próprio conhecimento leva, de acordo com Ouellet (1991), a que sejamos mais capazes de não nos colocarmos no centro dos nossos esquemas culturais e leva ainda a que desenvolvamos atitudes e capacidades que nos abrem um caminho de forma a penetrar no universo próprio dos membros de outras culturas. Este autor refere ainda que uma boa educação multicultural conduz ao respeito pelas outras identidades e à possibilidade de viver e celebrar a diversidade “de uma maneira orgânica, como partes de um todo” (p.68).

As muitas atividades desenvolvidas no âmbito da multiculturalidade podem pôr em ação as mais diversas formas de criatividade e permitem que cada um se revele a si mesmo e aos outros. Educar para a compreensão da diferença é também levar a descobrir o fascínio da diversidade e, em simultâneo, aspetos dos outros que permitem que não fiquemos apenas nas diferenças. Trata-se de levar a descobrir quem somos realmente, pois de fato, só quando soubermos quem realmente somos, seremos capazes de compreender e aceitar que os outros sejam diferentes de nós (Pereira, 1993). A compreensão pragmática do pluralismo manifesta sensibilidade à diferença, defende Bernstein (1987), mas insiste na necessidade de uma aproximação e uma comunicação com aquele que é o outro e diferente de nós, dimensão sem o qual, afirma, “o pluralismo se torna caos” (p.509).

A comunicação é então um passo mais na aproximação do outro e conduz a um maior respeito entre as pessoas e a um enriquecimento mútuo muito mais profundo. Conduz à partilha e ao colocar em comum: as chamadas minorias vão assimilando muito da cultura da sociedade na qual se encontram inseridas e estas, por sua vez, adquirem também elementos das outras culturas enriquecendo-se por influência dessas culturas ditas minoritárias. Clavel (1990) considera que a comunicação leva a ultrapassar diversos tipos de dificuldades de aproximação e a considerar, por exemplo, culturas de imigração, não como culturas de origem, mas como culturas de complemento. Para Ouellet (1991), o conhecimento das outras culturas não é um fim em si da educação, mas está subordinado ao desenvolvimento das capacidades de comunicação interétnica.

Davidson (1993) relata uma experiência muito interessante realizada numa sala de aula com alunos de diferentes origens. Estes eram convidados a reagir a diversos

assuntos expostos, uns por alunos, outros por professores, outros por outras pessoas convidadas. O estudo desta experiência leva a autora a afirmar que os professores e os alunos puderam penetrar em campos que lhes eram desconhecidos. Este fato serviu para que todos desenvolvessem esforços e colaborassem num trabalho conjunto que, normalmente, não costumava ser fácil. Para a autora a capacidade demonstrada para construir algo em comum e para interagir permite concluir que as dificuldades não limitam necessariamente as inúmeras possibilidades de uma comunicação multicultural, mas até tornam possível um crescimento e intercâmbio nessa área.

Segundo um Relatório do Conselho da Europa sobre as relações intercomunitárias e interétnicas na Europa (Conseil de l'Europe, 1991), a educação multicultural e intercultural deve promover a educação não apenas das minorias, mas de todos os alunos que já vivem numa sociedade pluricultural (ponto nº147). É uma educação que, além do conhecimento das diversas culturas e realidades e do desenvolvimento da comunicação, deve levar a assumir a própria identidade, mas também a ser capaz de ultrapassar para compreender a universalidade dos valores humanos (idem nº146).

Em termos práticos, consideramos interessante apresentar, através de Ouellet (1991), alguns aspetos a levar em linha de conta ao fazer uma educação multicultural. O autor foca a importância de se encorajar os alunos a exprimir os seus pontos de vista, os quais devem ser objeto de um exame atento, encorajando a expressão livre dos alunos, ainda que surjam nestes pontos de vista divergentes dos seus. Apresenta algumas sugestões concretas no sentido de orientar o diálogo e o debate na sala de aula a fim de conduzir a uma comunicação que dê fruto e ajude a cimentar o respeito mútuo. Sintetiza o seu pensamento afirmando que para haver comunicação é preciso antes de mais, procurar os elementos comuns existentes nas diferentes culturas.

Para Ouellet (1991), a população a quem se deve dirigir a educação multicultural não se limita, por assim dizer, aos alunos provenientes dos grupos ditos minoritários, mas deve incluir, igualmente e sobretudo, aqueles que pertencem aos grupos majoritários ou com maior representatividade cultural. Sublinha o autor que a interação dinâmica entre todos os membros de uma sociedade é o verdadeiro objetivo da educação multicultural.

Esta educação multicultural, de acordo com Fear-Fenn (1993), deve ajudar os alunos das diversas origens étnicas e culturais a movimentarem-se com mais facilidade nas culturas dominantes, conservando, no entanto, a sua identidade de grupo positiva. Vai permitir aos alunos de diferentes origens conviverem melhor uns com os outros. Assim, o espaço da escola torna-se para estes alunos, a base das relações harmoniosas no mundo exterior.

As nossas crianças e jovens devem ter, ainda na escola, a oportunidade de colocar em ação os conhecimentos que vão adquirindo neste campo das relações e por isso mesmo, é uma educação multicultural, que não se restringe ao aspeto teórico. Já referimos a importância do ambiente criado e que origina atitudes. Trata-se realmente de passar aos atos. Buck (2004) põe em cena uma personagem ocidental a viver na Índia, acerca da qual diz o seguinte: “Acredita nos seus ideais e considera-os necessários, mas diz que levará tempo a realizá-los, muito tempo. O que ele não sabe é que se alguém não põe os ideais imediatamente em prática, os perde. Morrem, a não ser que se transformem rapidamente em realidade” (p.298).

Em suma, a educação multicultural é um projeto complicado de concretizar. Da realidade que vivemos e observamos e das obras que consultámos, ressalta esta convicção. Mas surge também uma esperança, a noção de que o futuro das sociedades atuais depende e muito da capacidade de sabermos conviver com a diferença, de ultrapassar as tentativas mais ou menos conseguidas por todos no sentido de uma integração que tenda para uma verdadeira convergência cultural e étnica.

#### **4- A EMRC como contributo importante para a escola multicultural:**

##### **4.1 – Fundamentação**

Nesta revisão da literatura, a fundamentação que melhor se enquadra nas contribuições da disciplina de EMRC para uma escola multicultural, ou seja, o contributo da EMRC para um clima escolar de fraternidade entre todos, pode encontrar-se na tradição judeo-cristã, a qual incide sobretudo em três aspetos: o conceito de estrangeiro na Bíblia, a noção de fraternidade e a educação para a unidade e a solidariedade.

No Deuteronomio, um dos livros do Pentateuco (a Torá do povo judeu), está contida uma afirmação que marca uma forma de estar na vida e que afinal, acaba por estar presente em toda a Bíblia: “Não oprimirás um assalariado pobre, necessitado, seja ele um dos teus irmãos ou um estrangeiro que mora em tua terra, em tua cidade” (Dt.24,14). Esta atitude é uma constante na Bíblia. As experiências do povo hebreu, no Egito, no exílio da Babilónia, aparecem na história deste povo como verdadeiras experiências geradoras de acolhimento e tolerância, proporcionando uma maior capacidade para compreender aquele que é diferente ou o que está fora do seu ambiente natural. No mesmo livro da Bíblia referido acima pode ler-se a seguinte prescrição: “Não perverterás o direito do estrangeiro (...) Recorda que foste escravo na terra do Egito e que o Senhor teu Deus de lá te resgatou” (Dt.24,17-18). Em muitas outras passagens da Bíblia é possível encontrar o respeito que é solicitado para com aquele que é diferente, para com o outro.

De fato, a Bíblia apresenta desde as primeiras páginas, a convicção da igualdade fundamental de todos os seres humanos que decorre da sua origem comum. Esta mesma ideia da igualdade de todos os seres humanos é reforçada pelo Concílio Vaticano II na Constituição *Gaudium et Spes* (SNAO, 1987): “A igualdade fundamental entre todos os homens deve ser cada vez mais reconhecida, uma vez que, dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem; e, remidos por Cristo, todos têm a mesma vocação e destino divinos” (GS, ponto nº29).

Esta dignidade de todas as pessoas aparece também nos Evangelhos bíblicos de uma forma notável. Mal Jesus nasce, vêm adorá-Lo uns magos vindos do Oriente (Mt.2,1-2). Na figura destes magos estão como que representados todos os povos da terra de todas as nacionalidades, e de todos os tempos.

É interessante referir neste contexto, o acontecimento do Pentecostes, segundo o qual se encontravam em Jerusalém, pessoas diferentes de todos os povos e línguas. Segundo o relato da Bíblia, todos se entendiam e compreendiam e ficaram maravilhados (At.2,8.11). Este acontecimento pode ser entendido como um dos maiores momentos de grande compreensão para com o outro diferente de nós. Aqui aconteceu talvez na história da humanidade, uma das maiores manifestações multiculturais que é possível narrar. Este acontecimento multicultural foi de tal

maneira importante na história da humanidade que permitiu a expansão do cristianismo pelos quatro cantos do planeta. No contexto da nossa investigação, podemos dizer que se tratou de um autêntico momento de grande aprendizagem social e educativa para a diferença, para a tolerância da diferença.

Vinte séculos após o início do cristianismo, o Papa Paulo VI chama a atenção para a grande necessidade de se “construir um mundo em que todos os homens, sem exceção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma vida plenamente humana, livre de servidões” (PP, ponto nº47).

Na Declaração do Concílio Vaticano II *Nostra Aetate* (SNAO, 1987), sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs, encontra-se a seguinte afirmação: “Não podemos invocar a Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem. De tal maneira estão ligadas a relação do homem a Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, que a Escritura afirma: quem não ama, não conhece a Deus” (NA, ponto nº5).

A Igreja entendeu desde o seu início esta necessidade profunda de fraternidade entre todos os povos, e por isso mesmo sempre se comprometeu em levar a Boa Nova do Reino a todos, pois para a Igreja, como é referido na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, esta Boa Nova “é para todos os homens de todos os tempos” (EN, ponto nº13). Foi assim que a Igreja norteou toda a sua atividade, na obediência ao mandato de Cristo que continua atual: “Ensinai todas as nações” (Mt.28,19).

Esta certeza de igualdade e fraternidade entre todos os homens e mulheres do mundo inteiro nunca impediu a Igreja de compreender, respeitar e assumir como riqueza, as diferenças existentes entre todos os povos e culturas. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II através da Constituição *Gaudium et Spes* (SNAO, 1987), sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo reconhece a existência de tesouros em todas as culturas e onde se manifesta a natureza do próprio homem e se abrem caminhos à verdade (GS, ponto nº44). Na mesma linha, outro texto conciliar, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, proclama que “a Igreja respeita e promove o génio e as qualidades peculiares das distintas raças e povos” (SC, ponto nº37).

O Papa João Paulo II, na sua Exortação Apostólica sobre os Leigos na Igreja e no Mundo, intitulada *Christifideles Laici*, ao refletir sobre as diferenças existentes entre os povos e culturas, refere que estas em nada contradizem a igualdade intrínseca de todos os seres humanos. Afirma ele que “toda a discriminação é uma injustiça absolutamente intolerável, não só pelas tensões e conflitos que pode gerar no tecido social, como também pela desonra feita à dignidade da pessoa; não apenas à dignidade daquele que é vítima da injustiça, mas ainda mais à daquele que pratica essa injustiça” (ChL, ponto nº37).

De fato, esta verdadeira grandeza que é atribuída a todo o género humano, a todos os seres humanos, apoia-se na convicção de que “a dignidade pessoal constitui o fundamento da igualdade de todos os homens entre si”, dignidade esta que é “o bem mais precioso que o homem tem” (idem). Este documento reforça a ideia de que todos os seres humanos são iguais na origem, no destino, na sua dignidade, para lá de todas as diferenças raciais, culturais ou outras, que cada ser humano é “único e irrepetível”. Cada ser humano tem em si mesmo um valor próprio. Por isso mesmo, a Igreja Católica expressa através do documento Conciliar *Gaudium et Spes* (SNAO, 1987) que “toda a forma de discriminação que atinja os direitos fundamentais da pessoa, que se funde no sexo, na raça, na cor, na condição social, na língua ou religião, deve ser ultrapassada como contrária aos desígnios de Deus” (GS, ponto nº29). Esta maneira de pensar a importância dos direitos fundamentais da pessoa leva a Igreja a insistir na necessidade de continuar a “defender os direitos das minorias de qualquer nação” de modo que “todos os cidadãos – e não unicamente alguns privilegiados – possam gozar efetivamente dos direitos próprios da pessoa” (idem nº73).

Outro documento do mesmo Concílio, o Decreto *Apostolicam Actuositatem*, defende que “as relações entre os povos devem ser um verdadeiro convívio fraterno em que ambas as partes simultaneamente dão e recebem” (AA, ponto nº14). Percebemos pelos diversos documentos emanados pelo grande acontecimento que foi o Concílio Vaticano II, o quanto a Igreja se tem esforçado por trabalhar no sentido de uma verdadeira unidade entre todos os povos, trabalhando pela paz e igualdade entre todos, mas respeitando como sagradas as diferenças individuais, étnicas e culturais, sejam elas quais forem.



Neste contexto surge a disciplina de EMRC. Como aparece esta disciplina, em que se fundamenta, quais os critérios e objetivos que a norteiam, qual o seu contributo para uma sociedade mais solidária e multicultural, que importância é atribuída a essa realidade que está cada vez mais presente nas nossas escolas?

É neste contexto social e educativo, e também religioso e cristão, que surge a disciplina de EMRC, a qual, segundo Vilaça (2006, p.89), “está em plena sintonia com esta tarefa educativa: educa para os valores – alicerces estruturantes de uma personalidade sólida, e no quadro específico dos valores cristãos”. Sublinhando o papel da escola e da disciplina de EMRC, a autora refere a escola como “um lugar privilegiado para o desenvolvimento do jovem aluno e a aula de Educação Moral e Religiosa Católica, em particular, tem um importante contributo a dar” (Vilaça, 2006, pp.93-94).

A presença da EMRC nas escolas públicas e a sua gestão em termos legislativos e de recursos humanos foi legitimada pela celebração da Concordata entre o Estado português e a Santa Sé de 2004 (CEP, 2006). De acordo com este Tratado Internacional, o Estado português deve proporcionar todos os meios necessários para a presença da disciplina de EMRC, reconhecendo nesta um lugar privilegiado para a educação e orientação das crianças e jovens, no respeito pelas crenças e valores de cada cidadão.

Será interessante analisar o texto do Constitucionalista Miranda (2001), o qual aprofunda com algum pormenor através do suporte legislativo referente à disciplina em Portugal, a sua legitimidade ao longo do tempo e enquadramento do ponto de vista legal, bem como a sua inclusão no entendimento da carta dos direitos fundamentais do ser humano (DUDH, artº 18 e 26) e na Lei Fundamental portuguesa (CRP, 2005).

O contributo da EMRC para uma escola multicultural está desde já na génese da própria disciplina, na sua razão de ser e na forma como ela pode ser encarada no espaço público. Ou seja, quando falamos de educação moral, não nos podemos limitar a falar de uma vivência apenas pessoal, visto que o ser humano é, na sua essência, um ser social e relacional ou um ser moral. A nossa experiência moral não pode, portanto, limitar-se à ação individual. É sempre interação, relação. Não se pode conceber uma

experiência moral na solidão. A nossa relação com o outro é uma relação com uma pessoa como eu, com os mesmos direitos e deveres, uma pessoa pela qual eu também sou responsável. O ser humano é um ser moral na medida em que é um ser social e cultural. Podemos dizer que somos seres e nos tornamos pessoas através das relações que vamos criando e estabelecendo uns com os outros.

Segundo Marques (2000), a educação moral pode ser concebida como a ajuda que é prestada aos alunos para que estes atinjam a maturidade moral. Ou seja, podemos entender por educação moral, o processo de intervenção pedagógica destinado a permitir que os alunos conheçam os seus deveres morais e os cumpram livremente no sentido de poderem ingressar numa via de aperfeiçoamento moral. Neste sentido, uma das principais finalidades da escola é a promoção da autonomia moral dos alunos.

Podemos conceber a educação moral inserida de uma forma mais vasta na educação, tendo como referência o conceito exposto no Relatório para a UNESCO “Educação, um tesouro a descobrir” publicado em 2006, onde se diz que

“o mundo tem sede de ideal ou de valores a que chamamos de morais (...). Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um, respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo” (Delors, 2006, p.15).

A multiculturalidade é uma missão da própria EMRC. A educação multicultural em EMRC é muito importante, pois reside aí a originalidade e a razão de ser desta disciplina curricular, o testemunho de uma educação voltada para os outros, diferentes de cada um. A Educação Moral e Religiosa Católica é por assim dizer, um lugar cultural onde se podem pôr publicamente as grandes questões que se colocam ao ser humano no seu todo, nomeadamente, também a questão de Deus.

#### **4.2 – Objetivos**

A Comissão Episcopal da Educação Cristã, apoiando-se no Sínodo dos Bispos de 1977 e nas Orientações da Sagrada Congregação para a Educação Católica, na Nota Pastoral sobre a aula de Religião e Moral publicada em 1980, indica os objetivos para

um Ensino Religioso nas escolas que passa por “iluminar com a mensagem cristã as descobertas que, através das diversas disciplinas, os alunos vão fazendo sobre o homem, a vida e o mundo, e deste modo proporcionar uma síntese entre a fé e a cultura, entre a fé e a vida” (CEEC, 1980, ponto nº2). Este documento continua por referir que, assim como toda a educação cristã, as aulas de EMRC devem também elas contribuir para um maior apreço dos valores morais e assim despertar para uma maior consciência e empenhamento na promoção de uma sociedade mais harmónica e mais fraterna. Ou seja, uma das tarefas da aula de EMRC é a criação de um ambiente cada vez mais multicultural, de verdadeiro respeito por todos, sem distinção.

Podemos acrescentar um argumento de ordem teológica para explicar a necessidade de uma formação de ordem religiosa, expressa por Policarpo (1989), segundo o qual, os fundamentos teológicos são também antropológicos e que por isso, a formação religiosa situa-se num contexto de harmonia da formação humana, a qual tem a ver com uma visão global do ser humano. Para o autor, a formação integral do ser humano terá sempre que incluir no seu currículo a formação religiosa.

À luz dos textos e argumentos citados e dos constantes ensinamentos da Igreja Católica, podemos pressupor que, se a disciplina de EMRC for fiel aos seus princípios orientadores emanados do Cristianismo e das suas raízes, poderá e deverá proporcionar aos alunos uma verdadeira e autêntica educação multicultural. Qual deve ser então o papel que a EMRC deve desempenhar?

#### **4.3 – Papel da disciplina de EMRC**

A disciplina de EMRC existe nas escolas portuguesas em virtude da Concordata celebrada em 7 de Maio de 1940 entre o Estado Português e a Santa Sé, a qual foi atualizada e revogada com um novo acordo em 18 de Maio de 2004.

Através da leitura do artigo 21º da Concordata (2004), entendemos estar consagrado legalmente o direito ao ensino da Educação Moral e Religiosa Católica em todos os estabelecimentos de ensino em Portugal. Assim, a EMRC, de acordo com os normativos legais em vigor, está presente em quase todas as escolas do país, de

acordo com a vontade expressa dos pais e encarregados de educação, e dos alunos, quando maiores de 16 anos.

O papel da disciplina de EMRC na escola advém também do próprio direito universal à educação, como afirma a Igreja Católica através do Concílio Vaticano II (SNAO, 1987) na Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis*, a “verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte” (GE, ponto nº1).

Pelos documentos citados, fica claro que a disciplina de EMRC e o seu ensino tem como finalidade conduzir à prática de atitudes corretas, que devem ser assumidas pelos alunos em total liberdade, as quais decorrem do confronto da sua própria experiência pessoal com a realidade da mensagem cristã.

Importa por isso, analisar as perspetivas que dizem respeito ao papel do professor de EMRC, o que veremos a seguir.

#### **4.4 – Papel do professor de EMRC**

Dentro dos estudos realizados durante o Curso do qual faz parte integrante a nossa investigação, consideramos necessário e relevante, apresentar uma breve perspetiva sobre o papel do professor e especificamente, o contributo do professor de EMRC para uma educação multicultural.

Consideramos que ser professor não é uma profissão, é antes uma vocação, uma resposta a um chamamento de alguém que nos convida a colaborar e orientar a formação e educação das gerações futuras. Trata-se de uma tarefa deveras aliciante e comprometedora, pois o professor ensina, aprende, forma, educa, reflete, apoia, comunica... acima de tudo, o professor é um educador. E para realizar esta tarefa não basta e muito menos é suficiente, possuir um diploma de habilitações para ensinar.

Pedro D’Orey da Cunha (1996) na sua obra “Ética e Educação”, ao refletir sobre a hipótese de uma deontologia da profissão docente, defende que um professor é uma pessoa comprometida que exerce a sua atividade como um verdadeiro serviço a todos e com isenção, lutando contra toda e qualquer discriminação, nomeadamente, no que

se refere ao acesso de todos à educação. Para o autor, o educador tem de consignar uma dimensão ética à sua ação, a qual deve ser pautada por critérios deontológicos.

Numa audiência com a Congregação para a Educação Católica em 13 de Fevereiro de 2014, o Papa Francisco salienta que “Jesus começou a pregar a boa nova na Galileia dos gentios, lugar de encontro de pessoas de diferentes raças, culturas e religiões”. Para o Papa Francisco, este contexto é muito semelhante com o mundo atual, onde “as profundas mudanças que levaram à disseminação sempre mais ampla de sociedades multiculturais exigem cada vez mais de quem atua no setor escolar e universitário um envolvimento em percursos educativos de confronto e de diálogo, com uma fidelidade corajosa e inovadora que saiba proporcionar o encontro da identidade católica com as diferentes almas da sociedade multicultural” (Francisco, Papa, 2014). O Papa revela um profundo conhecimento da realidade da sociedade, não só a nível geral, como também da realidade escolar, e da necessidade de quem aí trabalha de se comprometer seriamente em realizar uma educação que seja marcadamente multicultural.

Este compromisso e esta missão fazem parte da identidade dos professores de EMRC, da sua maneira de estar na escola enquanto professores, a qual se define pela especificidade da sua profissionalidade ante os demais docentes. Mais do que sublinhar os aspetos profissionais, é preciso salientar também os aspetos eclesiais. Um professor desta disciplina, embora comungando do perfil comum a todos os professores, distingue-se dos outros pela sua especificidade como professor de EMRC.

O Código de Direito Canónico (CIC) define e sintetiza o papel do professor de ensino religioso numa simples qualidade, a excelência, que “sejam notáveis pela exatidão da doutrina, pelo testemunho de vida cristã e pelas qualidades pedagógicas” (CIC, artº 804,2). Eis onde reside a especificidade do professor de EMRC, resumida em três funções inseparáveis: professor, testemunha e educador.

O ensino religioso apresenta elementos essenciais para que o aluno se conheça e reconheça a si mesmo e nos outros, para que respeite os outros e os reconheça como irmãos. Por isso, o professor de EMRC, muito mais do que o das outras disciplinas, deve ser um exemplo e um educador, contribuindo para a formação integral dos seus alunos. Nunes (2005) destaca a dimensão de uma vocação pessoal do

professor de EMRC como um chamamento de Deus a um compromisso e a uma plenitude de vida.

Para Silva (2001) educar alguém é humanizar, promover as suas capacidades, impulsionar a sua dignidade, liberdade e responsabilidade junto dos outros. Educar é ajudar a encontrar um sentido para a realidade humana envolvente, onde cada ser se desenvolve como pessoa solidária, tendo em conta a realidade em que vivemos.

Como identifica Nunes (2005), existem atitudes educativas associadas a um professor crente e que o qualificam, como o serviço regulado pela lei do amor e ser um semeador de fraternidade. Esta é a atitude básica do docente de EMRC na escola.

Resulta desta reflexão uma série de qualidades inerentes ao papel do professor de EMRC, as quais dignificam e dão sentido à sua ação educativa: a coerência do seu ensino expressa com a sua própria vida, o diálogo sincero na relação com os alunos e a confiança nas possibilidades de cada um.

Cunha (1996) ao refletir sobre uma pedagogia da paz na sociedade multicultural, resume um pouco qual deve ser a atitude do professor se quiser ser um educador multicultural. Para o autor, a ação do professor assenta essencialmente em métodos pedagógicos, retirados da própria pedagogia de Cristo, sendo que a principal é o exemplo da própria vida. Foi esta a estratégia principal utilizada pelo próprio Jesus quando diz “dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo. 13,15). O exemplo, diz Pedro D’Orey da Cunha, deixa toda a margem para a liberdade, arrasta, convence e fascina. Dirige-se à pessoa toda, à sua inteligência, à sensibilidade, ao afeto, suscitando uma resposta integrada de adesão e ação interior.

Outra estratégia que Cunha (1996) salienta olhando para a pedagogia de Cristo, é o testemunho, sobretudo o testemunho da própria vida. Trata-se de ir além do simples exemplo. O exemplo concentra a atenção dos alunos sobre si mesmo, o testemunho propõe, mostra e relata sem forçar ou impor qualquer coisa, deixando aos alunos uma grande margem de liberdade. O autor retira este excerto das palavras de Jesus como sendo elucidativas desta atitude pedagógica: “Em verdade, em verdade te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho” (Jo. 3,11).

Posto isto, podemos apresentar um quadro deveras interessante sobre a missão dos professores que nos é dado pelo Concílio Vaticano II na Declaração *Gravissimum Educationis*:

“É bela e de grande responsabilidade a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas; esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e de coração, uma preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação” (GE, ponto nº5).

Estas palavras são aplicadas a todos os professores e educadores.

Definindo o perfil específico do professor de EMRC, Gomes (1989) indica alguns aspetos que podem ser estendidos a todos os professores, a sua competência, serem psicologicamente adultos, terem capacidade para se situar na realidade escolar, estarem atentos à vida e manifestarem espírito de iniciativa. No entanto, é referida uma exigência maior para o professor de EMRC devido à sua especificidade. Não basta ao professor de EMRC a competência científica e pedagógica comum a todos os professores, visto que leciona matérias que se situam na confluência das ciências religiosas, humanas e da educação.

Sobre a questão do professor ser psicologicamente adulto, Gomes acrescenta a necessidade do professor de EMRC assumir as suas escolhas profundas, pois para um professor desta área do ensino isso é fundamental.

Acerca do papel dos professores importa sublinhar que a Comissão Episcopal da Educação Cristã (1980), na linha do que foi dito até agora, lembra que a Igreja, através da EMRC está presente nas escolas, não só pela disciplina em si, mas sim e sobretudo, pela oportunidade dos professores poderem ser testemunhas de vida cristã e também pelo testemunho dos próprios alunos que frequentam esta disciplina.

Com Gomes (1989) podemos dizer, que o professor de EMRC deve ser um “homem de esperança” que se deixa “habitar pela paciência de Deus” (p.92), dando testemunho, com toda a sua pessoa e na forma de se relacionar, através do carinho especial que o Deus que anuncia tem por cada ser humano. O professor, segundo Gomes, deve ser capaz de criar uma relação de amizade profunda com os jovens seus alunos e, ter a capacidade do acolhimento e uma disponibilidade permanente que

proporcione a relação com o outro. Esta capacidade é uma atitude que se manifesta através de gestos e de palavras que não só marcam o início de uma nova relação, como a acompanham ao longo do tempo. O professor de EMRC deve escutar os outros prestando atenção a cada gesto, cada palavra que revele o mundo interior do aluno e jovem. Simultaneamente, o professor de EMRC deve manter-se fiel ao seu propósito e comunicar a verdade, desmontando as certezas dos alunos, utilizando para isso questões que lhes coloca ou lhes devolve, tendo sempre presente que a verdade não pode ser imposta, mas proposta “de forma convicta e vigorosa” (p.90).

A este propósito, Gomes (idem) acrescenta a necessidade do professor de EMRC compreender os problemas e situações dos jovens, esforçando-se por conhecê-los bem. Refere que é um requisito muito importante, a capacidade de confiança e aceitação, de tal forma que, ao depositar uma esperança firme no coração dos jovens, o professor possa ser sinal do amor e confiança de Deus.

Ainda sobre o papel do professor de EMRC, importa destacar um aspeto considerado indispensável a qualquer professor, que é a necessidade de atualização e de renovação, que o Concílio Vaticano II através de um documento já citado (GE, ponto nº5) afirma. Esta exigência é ainda mais premente para um professor de EMRC, já que este tem por missão levar os alunos a confrontarem-se com a realidade da vida e da existência.

Serralheiro (1989) descreve assim a atividade do professor de EMRC:

“Constituído sobre o modelo do ato de comunicação, ativa pequenos grupos de trabalho que põem em interação, no ato de comunicação, as experiências de cada aluno (sujeito), a confrontação com o tema (objeto) e os contributos do grupo. Neste ato de comunicação, o sujeito, o objeto e o grupo, formam uma triangulação conseguida pela presença discreta mas ativa do animador ou professor que favorece as interações entre os três termos” (p.36).

Em resumo, concluímos esta parte do nosso estudo destacando o documento conciliar sobre a Igreja no mundo atual (GS), ao refletir sobre aqueles que se dedicam de alma e coração à nobre tarefa da educação, sobretudo os que procuram educar para a paz, a reconciliação, a não-discriminação. Segundo a Constituição *Gaudium et Spes*, de nada aproveita procurar construir ou edificar a paz quando os sentimentos de hostilidade, de desprezo e de desconfiança, os ódios raciais e as ideologias inflexíveis



dividem as pessoas entre si. Continua o documento referindo a urgência de uma renovação da mentalidade, chamando à atenção daqueles que se dedicam à educação que sintam o dever de inculcar sentimentos geradores de paz. Esta tarefa é de todos nós começando por mudar os nossos corações de olhos postos no mundo inteiro e no trabalho que pretendemos levar a cabo para o progresso do género humano (GS, ponto nº82).

O professor de EMRC tem um papel particularmente importante que lhe permite, apesar das dificuldades que muitas vezes surgem na sua lecionação, quer quanto aos tempos letivos, quer quanto ao número de alunos, ser um educador que proporciona aos alunos e jovens um espaço único de reflexão e de confronto, capaz de ter repercussão nas atitudes e comportamentos destes e não só, de toda a comunidade educativa verdadeiramente envolvida nesse projeto.

## **5- Síntese geral**

Parece-nos poder sintetizar o estado da arte do nosso estudo, como sugere Delors (2010), que ele resulta de uma permanente constatação de uma tensão existente entre o espiritual e o material, a qual nasce de uma sede do ser humano por ideais ou valores a que se atribui o qualificativo de morais. É tarefa da educação suscitar em todos, de acordo com as tradições e convicções de cada um, a elevação do espírito humano até aos valores universais. Trata-se da sobrevivência da própria humanidade. São estes pressupostos que fundamentam o presente estudo.

A sociedade em que vivemos é uma sociedade nitidamente multiétnica. Verificamos que a convivência entre pessoas de diferentes etnias se processa muitas vezes no meio de grandes dificuldades. Estas dificuldades podem resultar de uma rejeição deliberada da diferença ou da incapacidade para compreender a diferença, daí, muitas vezes, as situações de tensão ou de conflito. Face a esta situação assumimos, pelos contributos referidos, que a educação multicultural se reveste da maior importância e da maior urgência. A escola tem um papel de elevado relevo, o qual não se pode desperdiçar ou sequer ignorar.

A situação das nossas escolas é muito diversificada no que respeita à multiculturalidade. Será razoável pensar que a educação para a multiculturalidade seja hoje em dia indispensável no meio educativo. Até mesmo em locais onde a questão da multiculturalidade não é uma situação dominante, as crianças e adolescentes que aí vivem devem estar abertos à realidade da sociedade em geral e do mundo, pois esta é claramente multicultural, até porque existe a possibilidade de um dia terem que vir a experimentar outras situações que lhes permitam contactar com outras pessoas diferentes, ou até simplesmente, pela reflexão acerca da realidade que é constantemente veiculada nos meios de comunicação social e nas redes sociais.

Os autores consultados mostram que a educação multicultural deve estar orientada para a compreensão, para a comunicação, para a interação. Trata-se de dar a conhecer o outro, tentando compreender as diferenças e também a igualdade de todos os seres humanos. Trata-se também de entrar em comunicação com aquele que é diferente, descobrindo caminhos que levam à complementaridade e à interação entre as pessoas e, assim, poder construir contextos de verdadeira unidade.

O Cristianismo proclama e defende a igualdade entre todos os seres humanos e a vocação de todos à unidade, sem aniquilar as diferenças que existem em cada um e que são um direito a guardar e a defender. A aula de EMRC, como presença da Igreja nas escolas, surge como uma possibilidade, um contributo para a educação multicultural. Por isso mesmo, um dos objetivos do nosso estudo é examinar como o ensino da EMRC pode de fato contribuir para uma verdadeira e autêntica educação multicultural.

## **II PARTE - ESTUDO EMPÍRICO**

### **1. Introdução**

Neste capítulo, começamos por referir os procedimentos deste estudo e a população-alvo. O estudo foi aplicado à totalidade da população que se pretendia estudar. Indicamos de seguida os materiais utilizados para análise e recolha de dados e a metodologia utilizada.

Tendo em conta a importância da multiculturalidade para a disciplina de EMRC e de como esta pode ser potenciadora de comportamentos que visam olhar para o outro de uma maneira diferente, através da transmissão de valores e de conteúdos, e também da prática docente, introduzimos um estudo baseado no estado da arte acerca desta temática, um questionário aplicado à totalidade dos professores de EMRC da Diocese de Lisboa e três entrevistas a informantes – chave para a disciplina.

A investigação partiu de três perguntas de partida, para as quais procurámos formular objetivos que de alguma maneira pudessem ir ao encontro das preocupações que surgiram logo no início deste trabalho. A principal preocupação ao formular as perguntas de partida prendia-se com a necessidade de perceber até que ponto o programa, os manuais e a prática pedagógica dos professores de EMRC incluíam uma educação multicultural.

O desejo de concretizar uma investigação sobre tal problemática surge do fato de ser um tema sobre o qual gostaríamos muito de refletir e aprofundar, visto estarmos diretamente implicados nesta questão, enquanto sujeitos responsáveis pela educação de tantas crianças e jovens em escolas com realidades cada vez mais diversificadas do ponto de vista das diferenças étnicas e/ou culturais.

### **2. Metodologia**

Este estudo seguiu duas linhas metodológicas. Por um lado, adotámos uma análise quantitativa através da aplicação de inquéritos por questionário e por outro, uma análise qualitativa através da utilização de entrevistas e do enquadramento

teórico da análise do seu conteúdo. Entendemos que esta dupla abordagem nos permite obter uma compreensão mais concreta e consistente das questões a desenvolver no decurso da investigação. Esta metodologia é suportada essencialmente pelos estudos de Almeida & Freire (2007), complementada por Tuckman (2012). Na elaboração da Entrevista seguimos os estudos e exemplos apresentados por Estrela (2008).

## **2.1 - Opções metodológicas**

A primeira questão que se nos impôs relativamente ao estudo empírico que pretendemos realizar no âmbito deste trabalho respeita à definição da população a investigar. Considerámos várias hipóteses, como por exemplo, os alunos que frequentam a EMRC. Todavia, as dificuldades em concretizar este empreendimento seriam de tal ordem que se tornaria praticamente impossível num semestre. De acordo com EDUCRIS (s.d.), o ano letivo 2009-2010 apresenta 51,28% de alunos inscritos em EMRC no ensino básico de um total de 455767 alunos, e 14,56% no ensino secundário de um total de 124953 alunos, dados estatísticos a nível nacional. De acordo com algumas fontes orais emanadas a partir de conferências realizadas na UCP nos últimos anos, o número de alunos inscritos em EMRC têm vindo a sofrer um ligeiro aumento. Veja-se por exemplo, o Anexo 4 sobre a evolução das matrículas em EMRC de 2008/2009 a 2011/2012 (DGEEC, 2014). Por outro lado, e dadas também as enormes diferenças de escola para escola e de região para região, qualquer amostra nunca seria representativa do universo dos alunos que frequentam a EMRC. Trata-se de uma população com um leque de idades muito variado, abrangendo alunos desde os 6 aos 18 anos de idade aproximadamente. Com esta enorme diferença etária, a forma de acolher a disciplina de EMRC e de a ela reagir são necessariamente muito diferentes e os instrumentos para analisar esta realidade teriam também eles de ser diferenciados, o que dificultaria muito a realização e concretização do nosso estudo.

Tendo em conta as dificuldades enunciadas, e outras decorrentes do limite temporal para a realização do nosso estudo, optou-se como população-alvo do estudo, a população dos docentes de EMRC da Diocese de Lisboa.

Os procedimentos metodológicos adotados através da dupla metodológica, qualitativa e quantitativa, permitiriam clarificar um pouco o que é educação, educação multicultural, a relação entre escola e multiculturalidade e, finalmente, perceber até que ponto a disciplina de EMRC inclui na sua prática e nos seus programas uma perspectiva de vivência e convivência multicultural. Para aprofundar esta temática, procedemos a uma exaustiva análise documental através da revisão da literatura.

## **2.2 - Participantes**

Para realizar a aplicação do questionário, este foi enviado via email, à totalidade dos docentes de EMRC das escolas básicas e secundárias da Diocese de Lisboa, cuja população é constituída por cerca de 400 docentes, de acordo com informação oral disponibilizada pelo SDER, entidade responsável pela dinamização da disciplina de EMRC na Diocese de Lisboa. Dos questionários enviados, obtivemos 8 respostas validadas. Este questionário foi aplicado no período temporal que medeia entre Novembro 2013 e Janeiro de 2014.

As entrevistas foram realizadas a 3 personalidades, designadas por “informantes – chave”, nomeadamente, o Diretor da disciplina de EMRC a nível nacional, o Diretor da disciplina de EMRC a nível da Diocese de Lisboa e uma professora de EMRC a lecionar numa escola da região de Lisboa. As entrevistas foram realizadas entre Março e Junho de 2014 de acordo com a disponibilidade dos intervenientes entrevistados.

## **2.3 - Instrumentos e procedimentos de recolha de dados**

A recolha de dados foi efetuada entre Novembro de 2013 e Junho de 2014.

Relativamente aos instrumentos utilizados, temos a análise documental de uma série de textos e obras que orientam a disciplina, algumas fontes da legislação em vigor que rege o funcionamento da disciplina de EMRC, a análise do Programa de EMRC, sobretudo a última versão de 2013 (EDUCRIS, 2013), que se encontra em fase de experimentação através da sua aplicação nas escolas e que foi realizada mediante a revisão do programa publicado em 2007, elaborado pelas instâncias da Igreja Católica e aprovado pelo Ministério da Educação (Pereira, 2007). Este Programa (EDUCRIS,

2013) foi concebido para colocar em prática as novas Metas Curriculares definidas para a disciplina de EMRC. O Programa da disciplina constitui um elemento importante a analisar no contexto deste estudo, já que é ele que orienta em grande medida a atuação dos professores de EMRC nas escolas. Neste estudo não nos debruçaremos sobre os Manuais visto estes se encontrarem em fase de revisão e reformulação de modo a serem adaptados ao novo Programa baseado nas novas Metas Curriculares.

A prática pedagógica dos professores não se reduz ao cumprimento de um determinado Programa e utilização dos respetivos Manuais, pelo que nos pareceu da maior importância incluir neste estudo, a análise e utilização de um questionário aplicado aos professores que lecionam esta disciplina na Diocese de Lisboa, no sentido de verificar a prática pedagógica dos professores, e ainda uma entrevista aplicada a três personalidades de relevo para a EMRC a nível nacional.

Para a concretização deste trabalho procedemos a:

- Recolha e análise de documentação sobre o tema;
- Elaboração e aplicação de um questionário aos professores de EMRC da Diocese de Lisboa;
- Recolha dos questionários;
- Tratamento e sistematização dos dados obtidos;
- Construção de um guião de entrevista e realização da mesma;
- Análise dos dados.

### **2.3.1) Análise do Programa**

A análise do Programa de EMRC justifica-se pela importância que tem no sentido de encontrar nesse documento orientador do trabalho dos docentes, os elementos que possam contribuir (ou não) para uma educação multicultural.

Da revisão da literatura, podemos destacar algumas noções que consideramos essenciais e que podem constituir uma ajuda na elaboração de uma grelha de análise. Uma das noções que podemos colocar em primeiro lugar é a exigência de conhecer as **diferenças** entre as pessoas e as culturas, levando ao contato com outras realidades e à compreensão dos valores próprios de outras pessoas, de outros grupos e culturas

diferentes de nós. Uma segunda noção a considerar é o reconhecimento da **igualdade** radical de todos os seres humanos, e que por isso mesmo, gozam de uma dignidade e direitos iguais (DUDH, artº1º). Um terceiro elemento a acrescentar é a descoberta da **complementaridade** de todos os seres humanos, que deve conduzir ao respeito por todos, ao intercâmbio e à comunicação no sentido de permitir que as diferenças sejam um enriquecimento por parte de todos. Por último, parece-nos ter como ponto de chegada a **unidade** que é possível alcançar numa ação conjunta, através de uma grande vontade de construir algo em comum, caminhando para uma sociedade onde todos se sintam viver em perfeita fraternidade.

Assim sendo, pensamos existir alguma coerência ao constituir uma grelha de análise do Programa dividida nessas quatro unidades temáticas: diferenças, igualdade, complementaridade e unidade. Uma grelha assim elaborada consta do Anexo 5.

O método utilizado para estudar o Programa de EMRC foi a análise de conteúdo, através da qual se pretende verificar a existência de elementos considerados essenciais para uma educação multicultural, nomeadamente, os elementos anteriormente referidos e retirados da revisão da literatura e outros elementos com estes relacionados, como consta da Grelha de análise do Programa de EMRC apresentada no Anexo 5. A análise orientou-se pelos princípios desenvolvidos por Quivy e Campenhoudt (2008) acerca da Análise das Informações. Procedeu-se à análise dos elementos referidos: as diferenças, a igualdade, a complementaridade e a unidade dos seres humanos. A grelha de análise foi então organizada em grupos contendo cada uma dessas temáticas. Teve-se em atenção as palavras ou ideias utilizadas ao longo do programa que pudessem conter esses elementos, nomeadamente nos três aspetos em que se divide o programa: Metas, Objetivos e Conteúdos.

A análise de conteúdo utilizada foi uma análise frequencial, visto tratar-se de uma quantificação (Quivy, 2008). Consideramos que, por experiência, quando se refere a conteúdos, a forma como uma ideia é transmitida é muito mais importante do que a frequência com que um assunto surge num programa. No entanto, não restam dúvidas de que, quando um autor considera um assunto de elevada pertinência, existe uma

tendência para o mencionar com maior frequência no seu trabalho e insistir nele para fazer passar uma mensagem.

Posto isto, optámos por registar o número de vezes que em cada nível de ensino distribuído por áreas pedagógicas, Metas, Objetivos e Conteúdos, cada um dos elementos e outros relacionados com eles (Anexo 5), se encontra no programa. Estes elementos são por si só portadores de uma mensagem e constituem no programa em análise, um contributo positivo ou negativo para uma educação multicultural.

### **2.3.2) Entrevistas a “informantes - chave” sobre a EMRC**

A preparação de um guião para as entrevistas iniciou-se com a definição dos objetivos pretendidos para as mesmas. Definiram-se também alguns aspetos simples, como a forma de justificar e esclarecer sobre o motivo das entrevistas bem como a explicitação do uso concreto a fazer dos dados recolhidos. Considerou-se ainda os elementos que seriam necessários para caracterizar minimamente cada entrevistado, pessoal e profissionalmente.

Tendo em conta os contributos de Estrela (2008), foram definidos os tópicos de um guião para uma entrevista. Procurou-se a maior simplicidade e objetividade nas perguntas a fazer tendo presente que estas não contivessem sugestões de resposta no sentido de vir a influenciar os respondentes.

O guião assim constituído foi aplicado a três professores com papéis relevantes na gestão da disciplina de EMRC a nível nacional e na Diocese de Lisboa. O guião da entrevista e a entrevista são apresentados nos Anexos 6 e 7. No Anexo 8 consta a grelha de análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

No que respeita à seleção dos candidatos a serem entrevistados, fixou-se em três personalidades de relevo para a disciplina de EMRC, visto por um lado ser um número razoavelmente pequeno de entrevistas o que facilita a respetiva análise das mesmas, mas em que cada uma delas concentra em si um valor e uma pertinência de elevado grau devido ao papel que cada uma delas representa para a disciplina, bem como a experiência que têm da realidade da EMRC a um nível mais geral. No sentido de recolher material de qualidade, pareceu-nos importante selecionar os candidatos



pela sua reconhecida competência, quer enquanto professores, quer enquanto responsáveis pela organização e gestão da disciplina.

Depois de definidos os critérios e selecionados os candidatos a entrevistar, foram realizadas as entrevistas. Das entrevistas ressalta uma visão de conjunto sobre a realidade em termos de presença multicultural nas nossas escolas, marcada pela presença de um considerável número de alunos de inúmeras minorias étnicas.

Os entrevistados foram informados com a maior clareza possível, dos objetivos da entrevista, sendo-lhes assegurado o anonimato das suas declarações. Os professores selecionados acederam de livre vontade colaborar neste trabalho. O relacionamento dos entrevistados com o entrevistador é cordial, o que permitiu que pudessem exprimir-se sem constrangimentos. As entrevistas foram realizadas durante o primeiro trimestre do ano 2014.

Durante a realização das entrevistas tivemos a preocupação de não interromper os entrevistados e de não condicionar as suas respostas, procurando ouvir sem fazer comentários, introduzindo apenas os encorajamentos necessários de modo a estimular o entrevistado a continuar.

Para a transcrição das entrevistas foi atribuído a cada entrevistado uma letra como código identificativo. Todas as entrevistas foram transcritas o mais rapidamente possível enquanto estivesse bem presente na memória.

### **2.3.3) Questionário aplicado a professores de EMRC**

O questionário foi elaborado de acordo com as orientações indicadas pela generalidade dos autores, particularmente por Tuckman (2012, pp.431-500), tendo em conta os seguintes passos: a definição de objetivos, a escolha da população a estudar, a elaboração das questões, a construção do questionário e a preparação e aplicação do mesmo. Apresentamos um breve esquema do guião de preparação do questionário no Anexo 9.

Foram definidos como objetivos principais: investigar se os professores de EMRC procuram fazer uma educação multicultural e, ao mesmo tempo, obter elementos sobre a sua prática pedagógica, a fim de se poder verificar o contributo que

os professores dão para a realização de uma educação multicultural. Dada a riqueza do material eventualmente recolhido e as diferentes e inúmeras atividades mencionadas bem como a diversidade de formas para descrever a realidade, surgiu a necessidade de em praticamente todos os grupos de questões deixar uma resposta aberta que permitisse aos inquiridos poderem apresentar livremente as suas próprias experiências pessoais. Por esta razão, figura no final do questionário uma pergunta aberta de carácter global.

As questões foram redigidas de tal forma que se pudesse verificar, em primeiro lugar, se a preocupação por uma educação multicultural está presente nos próprios inquiridos, professores de EMRC, e em segundo lugar, se a prática pedagógica dos mesmos conduz à realização desse tipo de educação. Procurou-se no questionário utilizar uma linguagem o mais clara e acessível possível, fornecendo sempre um leque de alternativas variado para não limitar os respondentes. No sentido de não condicionar as respostas, estas foram distribuídas de forma aleatória.

Na construção do questionário procurou-se facilitar o trabalho dos inquiridos, não pedindo a redação de respostas abertas, optando sempre por perguntas de escolha múltipla ou fechadas. Procurou-se fazer uma apresentação clara das questões, bem como das instruções.

O questionário foi aplicado via correio eletrónico, sem testagem, nem pré-testagem, pelo que é possível que possam resultar da aplicação do mesmo, alguns dados ou questões que poderiam ter sido corrigidos à priori antes da aplicação final, caso tivesse sido aplicado um teste e um pré-teste. Um dos aspetos que podia ter sido corrigido, é a dimensão do questionário, visto alguns professores se terem queixado da extensão do questionário que lhes foi enviado. Contém demasiadas perguntas e é extenso. Sendo longo, terá levado a que muitos professores tenham desanimado antes de responder e não o devolvessem preenchido.

Foi aplicado o questionário, porque se considerou constituir um elemento útil de investigação, capaz de fornecer informações relevantes sobre a prática pedagógica dos docentes de EMRC inquiridos.

O questionário (Anexo 10) foi enviado a todos os professores pertencentes à totalidade da população de professores de EMRC da Diocese de Lisboa, sendo este no início, precedido por uma pequena apresentação sobre a utilização que será feita das respostas e dos dados fornecidos, e ainda do anonimato a manter em relação aos respondentes e suas escolas. No Anexo 11 apresentamos um resumo das respostas.

O questionário é composto por duas partes:

Na primeira parte procuramos recolher alguns elementos sobre a escola, sua localização, níveis de ensino, percentagem de alunos de minorias étnicas e dados sobre o professor inquirido, a sua idade, sexo, naturalidade, habilitações, a sua experiência de contato com outras culturas, tempo de serviço docente. Existe uma questão sobre os manuais utilizados pelo professor.

Na segunda parte procuramos abordar a prática pedagógica no que respeita à educação multicultural. Pretendemos saber sobre a perceção que os professores têm da necessidade deste tipo de educação, do tempo que lhe é dedicado e das ações concretas, dos meios e estratégias utilizados, de materiais ou elementos originários de outras culturas que sejam facilitadores da compreensão dessas realidades, outras atividades e ajudas a que o professor recorre e das motivações para agir em ordem a uma educação multicultural. Procura-se também questionar sobre os resultados e dificuldades encontradas, tentando perceber até que ponto o Programa de EMRC contribui para uma educação multicultural. Finalmente, interrogamos o professor sobre a relação que estabelece entre a disciplina de EMRC e a educação multicultural, por ele mesmo e outros intervenientes na realidade escolar.

Devido à relativa facilidade do envio do questionário, através de correio eletrónico, cujos endereços constam da base de dados do SDER, optou-se por enviar a toda a população dos professores de EMRC da área da Diocese de Lisboa.

Quanto ao tratamento dos dados obtidos no questionário, estes foram tratados de forma quantitativa de forma a determinar quantas respostas obteve cada item e a percentagem correspondente em relação ao conjunto das respostas recebidas. Os dados foram analisados. Para este estudo, não nos parece que o tópico referente ao número de alunos inscritos em EMRC em cada escola tenha grande relevância. Apenas

foi incluído no questionário para ter uma ideia aproximada do número de alunos abrangidos pela educação multicultural que é feita nas aulas de EMRC, através dos professores que lecionam a disciplina.

Quanto aos professores, as variáveis que considerámos foram a idade, o sexo, a naturalidade, as habilitações, a experiência de contato com outras culturas e etnias diferentes e o tempo de serviço docente.

Em face destes resultados quantitativos e o confronto dos mesmos com as variáveis identificadas, procurámos tecer algumas considerações. Temos profunda consciência de que estamos a fazer uma generalização e que devido ao número muito reduzido de respostas recebidas, que poderá haver algum enviesamento nas conclusões, mas temos também a convicção de que os dados recolhidos poderão, mesmo assim, constituir um forte indicativo da forma de agir dos professores de EMRC.

### **3. Análise e discussão de resultados**

Apresentamos esta análise em três pontos, conforme os elementos que pretendemos verificar: a análise ao Programa de EMRC, a apresentação dos dados recolhidos nas entrevistas feitas a informantes – chave e, finalmente, a apresentação dos questionários colocados a professores de EMRC e respetiva análise.

#### **3.1- Análise do Programa de EMRC**

Procedendo à análise do Programa de EMRC, pareceu-nos melhor partir do Programa estipulado para as quatro etapas em que se divide o Sistema Educativo Português (ver DGEEC, 2013. *Regiões em números 2011/2012*), ou seja, primeiro ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário.

Cada um dos níveis de ensino de cada uma das etapas apontadas é subdividido em três áreas metodológicas ou pedagógicas de orientação: as Metas, os Objetivos e os Conteúdos, ou seja, as grandes finalidades da disciplina em cada nível de ensino. As Metas constituem os objetivos mais gerais que se pretendem que os alunos atinjam no

final de cada Unidade pedagógica, os Objetivos são a explicitação das mesmas Metas, e os Conteúdos a forma de operacionalização dos Objetivos e das Metas Curriculares.

O Programa de cada ano apresenta-se dividido em Unidades Letivas, três ou quatro Unidades consoante o nível de ensino: Todos os níveis de ensino têm quatro Unidades Letivas, exceto o 6º e 9º ano que têm apenas três Unidades cada um e o Ensino Secundário no seu conjunto conta com 10 Unidades Letivas. Cada Unidade por sua vez está dividida em Temas de acordo com os Objetivos que se pretendem atingir. O Programa de EMRC contém ainda um conjunto de orientações metodológicas sobre as diversas etapas do processo ensino/aprendizagem, bem como do processo de avaliação das aprendizagens dos alunos (Pereira, 2007 e EDUCRIS, 2013).

A secção do Programa dedicada à avaliação também merece uma atenção especial visto o Programa constituir uma base de apoio que ganha corpo e vida na prática pedagógica e interação do professor com os alunos e dos alunos entre si. O Programa aponta um conjunto de Metas e Objetivos que se pretende que os alunos atinjam, quer ao nível dos conhecimentos, quer ao nível dos valores e atitudes para os quais é necessário motivar os alunos. Muitas são as atividades e estratégias possíveis e que podem ser objeto de avaliação. Esta avaliação, mais do que avaliar ou classificar os alunos pretende diagnosticar dificuldades experimentadas por eles, corrigir estratégias e proporcionar novas formas de aprendizagem. Contudo, o próprio Programa reconhece que este tipo de aprendizagens é muitas vezes complicado de avaliar. Se é difícil de realizar noutras áreas do saber, muito mais se torna numa disciplina onde se valoriza muito mais as atitudes e os valores em detrimento dos conhecimentos teóricos. De certa forma, estas considerações sobre a avaliação na disciplina de EMRC relativizam de alguma maneira a importância do Programa ou pelo menos a necessidade de o seguir à risca, mais do que em qualquer outra disciplina, já que o objetivo principal e educativo não se fica apenas ao nível dos conhecimentos. Pretende-se com isto dizer que, na prática, tem de se ter em linha de conta que as referências encontradas no Programa estão sujeitas aos condicionalismos da sua execução pelos professores, bem como também da apreensão, interiorização e vivência por parte dos alunos.

No Programa de EMRC existem muitos aspetos que consideramos serem proporcionadores de uma educação multicultural. Basta verificar e ter em conta o que ficou exposto no ponto 4 do enquadramento teórico, sobretudo a noção de fraternidade entre todos os seres humanos e os princípios por que se rege a sociedade contemporânea em consonância com a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Sobre a grande finalidade da EMRC, pode ler-se no Programa de EMRC que a formação global do aluno deve permitir “o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa” (EDUCRIS, 2013, p.11). A disciplina de EMRC leva os alunos a fazer uma leitura cristã da realidade através de uma síntese da Mensagem cristã que proporciona a que possam integrar na sua vida informações culturais e outros saberes, alimentados pelos valores cristãos. Muitas das Metas, Objetivos e Conteúdos do Programa se enquadram nesta perspetiva de análise, como os que vimos e que se relacionam com a diferença, a igualdade, a complementaridade e a unidade, entre outros conceitos similares a estes.

Esta capacidade implícita do programa de EMRC para conduzir de uma forma quase natural a uma educação multicultural, não nos é suficiente para concluir que é este o objetivo do Programa. Mais do que um Programa, conta muito a atenção de cada docente para com esse aspeto e a sua sensibilidade para essas temáticas, a sua capacidade para levar os alunos a fazerem uma leitura da realidade social e escolar à luz da Mensagem que recebem nas aulas. O Programa de EMRC oferece inúmeras pistas para uma educação multicultural.

Os autores consultados insistem constantemente, para que se faça uma educação multicultural, focam a necessidade de insistir no diálogo, do espaço que deve ser dado aos alunos para que formulem as suas questões sem qualquer tipo de constrangimentos, procurando livremente soluções para elas. Na Metodologia proposta pelo Programa de EMRC abundam estratégias e conteúdos que pretendem atingir esse objetivo, quer nas aulas, quer na comunidade educativa.

O Programa aponta para a necessidade de haver uma formação integral que seja dirigida a todas as dimensões da pessoa humana (Pereira, 2007 e EDUCRIS, 2013). A educação multicultural não pode ser realizada se não tiver em conta todas as dimensões da pessoa humana e não apenas a cognitiva, pois a educação pretende atingir a pessoa toda.

Apresentamos uma análise mais detalhada do Programa de EMRC, realizada de acordo com a tabela referida anteriormente e constante do Anexo 5, a qual analisa o Programa contabilizando em termos quantitativos o número de ocorrências dos elementos referidos: Diferenças, Igualdade, Complementaridade e Unidade. Esta tabela apresenta-se organizada num quadro com dois eixos, sendo um dos eixos os conceitos mencionados e no outro eixo, os níveis de ensino, subdividindo cada um deles nas Metas, Objetivos e Conteúdos do Programa.

No 1º ciclo, importa para já constatar que o item mais referido é o item **Igualdade**, sobretudo no 3º e 4º ano. Existe aqui claramente uma aposta por parte do Programa em insistir com os alunos desta faixa etária nos valores da igualdade, quer quanto à origem dos seres humanos, quer quanto à sua dignidade enquanto pessoas, quer quanto aos seus direitos, nomeadamente, os Direitos Humanos (DUDH). O segundo item que se apresenta mais significativo no 1º ciclo, mas mais disperso pelo Programa desta faixa etária desde o 1º ano ao 4º ano, é o item das **Diferenças** entre os seres humanos, quer sejam as diferenças pessoais, quer as culturais. Existe aqui um objetivo que parece latente no Programa que é o de tentar fazer perceber às crianças, as diferenças naturais e humanas de cada um em relação aos outros, sem reforçar este mesmo valor das diferenças. A aposta maior está claramente no valor da igualdade. Embora com um peso bastante mais reduzido, é referido a partir do 2º ano o item **Unidade**, o qual releva para a necessidade de uma interação entre as pessoas e para sentimentos de solidariedade e fraternidade. Parece que o Programa tem em linha de conta a pouca consciência que as crianças desta faixa etária poderão ter deste conceito ou da sua concretização na prática. O item **Complementaridade** entre pessoas, grupos ou culturas, nesta faixa etária aparece nulo, sem qualquer referência.

No 2º ciclo do Ensino Básico o item da **Igualdade** é o que continua a prevalecer. O Programa de EMRC aposta claramente na necessidade de inculcar no espírito das

crianças e adolescentes este princípio de que somos todos iguais em dignidade e direitos e, por isso mesmo, na necessidade de não reforçar os aspetos que podem ser considerados por muitos como mais negativos, ou seja, as diferenças pessoais e/ou culturais. No entanto, o Programa reconhece a importância de reconhecer as **Diferenças**, e por isso mesmo apresenta, mesmo que vagamente esse item, sobretudo nas Metas do 5º ano e nos conteúdos do 6º ano. Neste ciclo de ensino parece ser muito pertinente e importante apostar numa lógica de **Unidade** na interação entre os seres humanos, reforçando nas crianças sentimentos e valores relacionados com a solidariedade e a fraternidade entre todos. Esta ideia apresenta-se sobretudo nos objetivos e nos conteúdos ao longo do 2º ciclo. O conceito de **Complementaridade** passa despercebido.

Quanto ao 3º ciclo, a aposta vai mais uma vez para a necessidade de inculcar nos adolescentes que a **Igualdade** é um valor a enaltecer e a salvaguardar, visto este item aparecer com muita frequência ao longo de todo o Programa deste ciclo. Aqui, mais do que em qualquer outro lugar do Programa de EMRC, a necessidade de tentar fazer perceber aos adolescentes de que somos todos iguais, é um imperativo. Nesta faixa etária em que, claramente, os adolescentes se começam a afirmar, pessoal e socialmente, o Programa sente a necessidade de reforçar a igualdade de todos esbatendo ou tornando diminutas as referências a possíveis diferenças entre os seres humanos. Por isso mesmo o item **Diferenças** aparece reduzidas vezes, reforçado sobretudo no início do ciclo, mas sendo cada vez menos referido, embora presente, nem que seja para mostrar que a diferença entre as pessoas pode ser encarada como um valor, uma riqueza, e não algo negativo, como vimos na revisão da literatura. Um aspeto que também merece destaque nesta faixa etária é a aposta na **Unidade**, sobretudo pelo alargamento dos laços de solidariedade e fraternidade entre todos. Este parece ser um valor a cultivar neste ciclo. A **Complementaridade** entre pessoas, grupos ou culturas, não parece ser um valor a destacar pelo que é raramente referido.

O Programa do Ensino Secundário aparece dividido em 10 Unidades Letivas. Parece óbvio que o Programa aposta muito claramente no reforço de que somos iguais, mas as **Diferenças** pessoais e culturais têm neste ciclo de estudos um destaque muito especial e por isso, são uma constante ao longo do Programa do Secundário.



Importa dizer que o reforço deste valor não é apresentado no sentido de dividir as pessoas ou os seres humanos, mas sim, de que os jovens reconheçam nas diferenças que existem entre as pessoas uma riqueza capaz de unir e aproximar, através de sentimentos de tolerância e respeito. Por isso mesmo, o item **Igualdade** é referido várias vezes no sentido de transmitir a ideia de que os seres humanos, onde quer que vivam, são diferentes e iguais em simultâneo, mas salientando que existe muito mais valor em reconhecer as diferenças individuais e culturais, não as discriminando nem anulando. Estas são um valor em si mesmas. É necessário apostar em caminhos que conduzam à **Unidade**, relançando mais uma vez questões sobre a solidariedade e a fraternidade humanas como únicas vias de colocar em prática esta aproximação tolerante entre todos. Curiosamente no Secundário, o item da **Complementaridade** é referido várias vezes. O Programa entende que os jovens desta faixa etária já compreendem o alcance deste conceito, e que afinal, todos caminhamos lado a lado no mesmo projeto humano da nossa existência enquanto seres humanos, livres, iguais, diferentes e unidos nesta casa comum.

Em resumo e em linhas gerais, o Programa de EMRC aposta claramente no reforço do valor da **Igualdade** entre todos os seres humanos, que todos são iguais independentemente da sua origem, que todos têm a mesma dignidade e gozam dos mesmos direitos, estes, aliás, consagrados na Carta das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em segundo lugar, o Programa reconhece como um valor a respeitar, as **Diferenças**, sejam elas individuais e pessoais, ou culturais e étnicas. A experiência revela-nos que só no reconhecimento destas diferenças e encarando-as como um valor é que se poderá caminhar no sentido de descobrir a igualdade que, afinal, existe entre todos os seres humanos. Posto isto, e resolvido o problema da descoberta da igualdade na diferença, o Programa vislumbra aqui caminhos que possam conduzir à prática da **Unidade** entre as pessoas, encaminhando os jovens para a concretização de projetos pessoais e comunitários de união entre as pessoas, sejam elas quais forem. Por isso mesmo, nesta faixa etária, os jovens parecem muito mais sensíveis à realização de uma **Complementaridade** entre os vários intervenientes, a começar por eles mesmos, pessoal e culturalmente, num projeto de vida que verdadeiramente compromete a todos.

### **3.2- Apresentação e análise dos dados das entrevistas**

A entrevista aplicada aos professores e/ou informantes-chave de EMRC (Anexo 7) procura obter dados sobre a prática pedagógica dos docentes quanto ao que pensam e fazem em ordem a uma educação multicultural, quer seja dos seus alunos, quer relativamente à entidade que tutelam e que têm relevância na gestão da disciplina de EMRC, quer na escola, quer na Diocese de Lisboa, quer mesmo a nível nacional. Cada um dos três inquiridos representa cada uma destas realidades.

Assim, após uma breve apresentação, a entrevista começa por escrutinar sobre o que cada um dos inquiridos pensa do próprio conceito de multiculturalidade e das componentes que considera mais importantes em ordem a uma educação multicultural, sobretudo na disciplina de EMRC. São questionadas também as falhas encontradas, as dificuldades ou os aspetos que achem que deveriam ser corrigidos. Pergunta-se ainda sobre o contributo que a disciplina de EMRC pode oferecer para uma educação para a multiculturalidade, nomeadamente, se existe no seu Programa aspetos que possam contribuir para ajudar nesta tarefa específica.

Ao perguntar sobre o conceito que se tem de multiculturalidade, coexiste a ideia do dever de respeitar princípios, crenças e valores provenientes de culturas diferentes que partilham o mesmo espaço comum, acrescentando no entanto, que existe sempre uma cultura que se apresenta dominante.

Na questão sobre as componentes essenciais para uma educação multicultural, sublinha-se a importância de realizar uma educação para a cidadania e para os valores humanos, tais como a tolerância, o respeito pelos direitos e deveres de cada ser humano. Saliencia-se a necessidade de ter consciência da dignidade de cada ser humano e que todos temos a responsabilidade pessoal e coletiva de defender e promover essa mesma dignidade. É tarefa própria da educação, a de reconhecer as outras culturas à luz destes princípios, com o objetivo de educar para a cooperação, promovendo os direitos fundamentais de todos os seres humanos.

Relativamente à questão sobre a relevância da multiculturalidade para a disciplina de EMRC, os inquiridos concordam que, nem sequer é possível falar de uma educação integral da pessoa sem referir e tratar dos princípios e valores que norteiam

uma educação para a multiculturalidade, ou seja, os objetivos da disciplina de EMRC não podem ser atingidos na íntegra se colocarmos de lado os valores da multiculturalidade, pois estes oferecem uma visão específica do mundo e do homem no sentido de construir uma cultura que seja promotora do bem-estar de todos.

Na abordagem sobre as dificuldades e falhas encontradas para que se faça a educação para a multiculturalidade, os entrevistados referem a existência de alguns aspectos negativos, tais como, as convicções pessoais, o egoísmo, a desconfiança, a ignorância, o preconceito, que conduzem à falta de abertura e ao desrespeito para com os outros diferentes. É abordada a questão de que numa sociedade em que coexistem muitas culturas, a multiculturalidade é vista como se nenhuma delas predominasse sobre as outras, sem minorias. Esta ideia, segundo os inquiridos, não conduz ao verdadeiro diálogo, visto que em todas as sociedades existe, e sempre existirá uma cultura predominante, que respeita ou deve respeitar as demais, as suas regras e os seus valores. Uma sociedade não existe sem uma cultura que lhe dá identidade e coesão.

Ao questionar sobre o contributo da EMRC para uma educação multicultural, é referido a existência no Programa da disciplina, elementos que realizam e concretizam essa educação. Sublinha-se que esta se realiza porque a EMRC desenvolve a compreensão e a promoção da dignidade de cada ser humano como pessoa, independentemente da condição social e cultural de cada um. Esta é uma preocupação de todo o Programa para com os alunos, na realidade concreta em que cada um deles vive e se apresenta na aula de EMRC.

Em resumo, os entrevistados revelam plena convicção da necessidade de realizar uma educação que tenha em conta a igualdade entre todos os seres humanos, bem como, ter uma correta visão do valor das diferenças, que mais do que dividir, são fator de riqueza e unidade, que fazem com que cada um seja único mas voltado para os outros, sem discriminações de qualquer espécie. Existe uma enorme preocupação em facilitar a integração dos alunos que pertencem às chamadas minorias étnicas, mas mantendo sempre uma grande preocupação de que cada uma conserve a sua identidade específica. Sobressai também a necessidade de desenvolver o diálogo entre

todos através de variadas estratégias educativas, como forma de valorizar e integrar as diversas culturas.

À luz da revisão da literatura sobre o que é e significa uma educação multicultural, a metodologia, ideias e estratégias referidas nestas entrevistas parecem corretas, já que todos parecem destacar a importância da via do diálogo, da interação entre todos os alunos, da identidade de cada um ser posta em questão, do confronto pacífico com os outros sem os colocar em causa, tendo a consciência da individualidade e diferença de cada um. Parece sobressair também a necessidade de introduzir a diferença como um valor a cultivar e que esta diferença não constitui um obstáculo mas antes uma forma de aproximação que enriquece cada uma das culturas.

É claro que a convicção cristã dos inquiridos e os princípios que daí decorrem acabem por se revelar um fator de motivação da educação multicultural que cada um faz no seu dia-a-dia. É importante destacar que os inquiridos consideram a disciplina de EMRC, uma presença visível da Igreja na escola, um espaço de encontro para todos. As respostas dos entrevistados são fatores indicativos de uma atitude cristã por parte dos professores de EMRC como educadores, com uma clara intenção de educar os seus alunos no respeito para com todos e na construção da unidade. Está implícito nas respostas que os professores consideram com naturalidade que a disciplina de EMRC é apta para fazer uma educação multicultural, dada a especificidade do seu programa e das suas orientações serem caracterizadas pela mensagem cristã.

### **3.3- Apresentação e análise dos questionários**

Foram recolhidas 8 respostas aos questionários enviados equivalendo a 2% dos questionários enviados. Para a população que se pretendia estudar, as respostas obtidas revelam-se demasiado reduzidas, mas mesmo assim, iremos debruçar-nos sobre elas, não desperdiçando estes dados e confrontando os resultados com os elementos estatísticos constantes das tabelas dos Anexos 1 a 4.

A população em estudo diz respeito à totalidade dos professores de EMRC da Diocese de Lisboa, que corresponde sensivelmente ao limite geográfico do Distrito de Lisboa. Cinco das respostas recebidas são provenientes da área do Concelho de Lisboa

e Concelhos limítrofes, Lisboa, Loures e Cascais, correspondendo estas a 62,5% das respostas recebidas. Foram recebidas mais três respostas correspondentes aos Concelhos de Mafra, Alenquer e Torres Vedras. É importante frisar este dado, visto que os quatro primeiros Concelhos, segundo os dados estatísticos, concentram uma grande percentagem dos imigrantes residentes (Anexo 3), ou seja, Lisboa conta com 6.524 imigrantes (1,2% da população do Concelho e 8% do total de imigrantes do País), Loures tem 1.779 imigrantes (0,9% do Concelho e 2,2% imigrantes do País) e Cascais (2,4% do Concelho e 3% imigrantes do País). Relativamente aos outros Concelhos dos professores que responderam, os dados são insignificantes quando comparados com o total de imigrantes. Deve ser referido a título de curiosidade e de interesse, devido à dimensão dos dados estatísticos, o Concelho de Sintra com 3.467 imigrantes (0,9% do Concelho e 4,2% imigrantes do País) e ainda o Concelho da Amadora com 1.892 imigrantes (1,1% do Concelho e 2,3% imigrantes do País). Estes dois Concelhos não estão abrangidos pelo nosso estudo visto não termos recebido respostas de professores destes Concelhos, mas consideramos importante destacar devido ao seu peso. Estes dados referem-se ao Censo de 2011 conforme consta do Anexo 3.

Outro dado que pode ser relevante é o fato de a maioria das respostas corresponderem a escolas situadas em meio urbano (62,5% das respostas), o que se compreende logicamente, visto ser aí que se concentram a maior parte das escolas. A percentagem de respostas de professores de escolas situadas em meios considerados suburbanos situou-se nos 25%.

Ao pedir aos professores a caracterização do meio sociocultural em que as suas escolas estão inseridas, obtivemos os seguintes dados: 75% estão situadas em meios considerados médios e 25% em meios considerados de elevado nível sociocultural. Verifica-se que existe uma predominância do meio considerado médio. Consideramos esta informação razoavelmente subjetiva, pois baseia-se apenas no juízo dos respondentes.

Constata-se a existência de uma média de 900 alunos por Agrupamento de Escolas, sendo que podemos contabilizar, de acordo com as respostas que recebemos, uma média de 64,9 alunos por Agrupamento, pertencentes às ditas minorias étnicas ou culturais. No entanto, consideramos que os dados fornecidos pelos professores

acerca desta realidade estão muito incompletos, pelo que consideramos muito importante a análise da tabela nº 2 constante do Anexo 2. De acordo com esta Tabela, no ano letivo 2011/2012 encontravam-se matriculados em Portugal 101.503 alunos de nacionalidade estrangeira, sendo que 24.991 eram de origem brasileira (24,6% do total de alunos estrangeiros). Este grupo é claramente predominante em relação ao total. Segue-se os alunos de Cabo-Verde que estão bem representados com 14.340 alunos em Portugal (14,13% do total de alunos estrangeiros). Outro grupo de alunos significativo é o de Angola com 9.573 alunos (9,4% do total de alunos estrangeiros). Seguem-se outros grupos de alunos estrangeiros, embora menos representativos em particular, mas com um peso significativo na totalidade, os originários da Ucrânia, São-Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Espanha, Roménia, França, etc (Anexo 2). Quanto às respostas recebidas neste estudo, o grupo que aparece melhor representado é o de alunos provenientes da Europa de Leste seguidos dos alunos provenientes do Brasil. Seguidamente temos os originários de Cabo-Verde e de Angola, etc (Anexo 11). Como se pode verificar, existe alguma discrepância entre os dados obtidos no questionário e os dados oficiais. É importante referir que os dados oficiais se referem ao total do território português, o que só por si também pode resultar em algumas diferenças nalgumas regiões consoante estas estejam mais ou menos representadas. Um dos dados que é possível verificar e que tem interesse para nós, é que, das escolas ou professores respondentes, em média 7,1% dos alunos destas escolas são de outras etnias, o que é relevante. No entanto, não podemos considerar estes dados como absolutos, pois não possuímos dados mais exatos e concretos. Mesmo assim, é digno de registo o fato de nestas escolas haver uma significativa percentagem de alunos de outras etnias.

Questionámos os respondentes quanto à sua experiência acerca de outras culturas, sendo que 75% responderam positivamente quanto a essa experiência. Quanto ao género de experiência realizada, as respostas são as mais variadas e dispersas, que vão desde a experiência na escola, a grupos de jovens, a voluntariado, a sessões de alfabetização, etc. A duração da experiência de trabalho com outras culturas tem a duração média de 6,8 anos.

O tempo de serviço médio dos respondentes, sobretudo em relação à escola onde se encontram no momento, é de 9,3 anos. Este dado pode ser importante pois revela que os respondentes têm um razoável conhecimento da realidade onde se encontram inseridos, das eventuais dificuldades e dos recursos para ultrapassar as mesmas.

Na segunda parte do questionário foi abordada a prática pedagógica. A maior parte, 75% dos respondentes consideram necessário realizar a educação multicultural nas aulas de EMRC. Parece existir alguma relação entre a resposta positiva a esta questão e o fato de haver em cada escola um significativo número de alunos pertencentes a outros grupos étnicos, ou seja, uma média de 7,1% dos alunos da escola como vimos atrás. No caso da disciplina de EMRC este é um fator mais do que suficiente para que os professores se sintam motivados a concretizar esse tipo de educação.

Nos pontos seguintes do questionário aplicado pretendia-se que os respondentes justificassem a sua escolha sobre a necessidade de se fazer uma educação multicultural. De entre as respostas recebidas destacamos como mais significativas: “considera a educação multicultural um elemento integrante da disciplina de EMRC” com 75% das respostas e “existe racismo na sociedade portuguesa” em 50%. Embora não seja um dado seguro, esta justificação poderá subjetivamente ter algo a ver com a presença de um número elevado de alunos de outras etnias na escola.

Perante esta situação, como atua o professor, qual a sua prática? A maioria dos respondentes manifestou “a sua convicção da igualdade fundamental dos seres humanos” (62,5%) e a necessidade de procurar fomentar “a interação entre os diversos grupos” (50%). Para tal, os professores recorrem habitualmente a diversos tipos de estratégias na sua prática educativa, sendo as estratégias mais recorrentes nas respostas obtidas, proporcionar “um diálogo construtivo” e “apoiar-se na Doutrina da Igreja” com 50% de respostas para cada um dos itens.

Quando se pedia aos professores que enumerassem atividades complementares, as mais destacadas foram os “debates entre personalidades de

diferentes origens culturais e étnicas” e os convívios entre “professores, alunos e familiares”, com 50% de respostas para cada item.

Quanto às convicções que os professores encontram para agir desta forma, as mais fortes e com 50% de respondentes são o “acreditar que a fraternidade universal é um valor importante” e a “convicção cristã de que todos têm a mesma dignidade e direito a um respeito igual”. Destacamos o fato de 37,5% dos respondentes terem frisado a “consciência da importância de quebrar os estereótipos para conduzir à unidade” e a “preocupação de ajudar a integrar alunos de minorias étnicas / culturais”.

Nas dificuldades encontradas para que se faça uma educação de tipo multicultural, 50% dos respondentes referiu “dificuldades de compreensão recíproca” e a “influência dos meios de comunicação no fomentar do racismo”. No entanto, merece destacar nos resultados esperados pela disciplina de EMRC, o fato de os professores intuírem que “os alunos sentem a aula de EMRC como um espaço de encontro entre pessoas diferentes”. Esta resposta recolhe 50% dos respondentes, o que nos parece significativo sobre o papel da EMRC para uma educação multicultural.

Quanto ao Programa de EMRC, a maioria dos respondentes (75%) refere que faz “apelos concretos à fraternidade universal” e 50% acha que existe uma “identificação de valores cristãos que são hoje valores universais”.

#### **4. Síntese geral**

Face aos resultados obtidos no estudo empírico, podemos adiantar como síntese geral:

- Em muitos casos, o Programa de EMRC e a prática pedagógica, não parecem ter a intenção explícita de fazer educação multicultural.
- O programa e a prática pedagógica, em muitos aspetos cumprem e fazem essa educação, sobretudo nas escolas onde se verifica uma maior diversidade étnica e/ou cultural.
- Os grandes valores do cristianismo proclamam a igualdade entre todos os seres humanos, o respeito que deve existir para com todos, o valor inalienável da pessoa humana, a fraternidade universal a construir, a solidariedade que deve



ser colocada em prática. Estes valores apresentam-se claramente no Programa e na prática pedagógica, e mesmo não havendo intenção explícita de fazer referência a uma educação multicultural, estes meios constituem uma base muito válida para a compreensão da sociedade cada vez mais multicultural em que vivemos.

- A disciplina de EMRC ajuda na formação integral do ser humano e dos alunos, já que a formação nesta área dos valores é muito diminuta nas outras disciplinas, por força do cumprimento dos respetivos programas. Assim, podemos mesmo afirmar que a disciplina de EMRC tem no momento presente, um papel e uma responsabilidade enorme em assumir a educação multicultural das novas gerações.

### III PARTE - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A sociedade portuguesa atual e grande parte dos países da Europa é multiétnica e a convivência entre pessoas diferentes, de diferentes etnias e culturas é muitas vezes difícil e faz-se no meio de grandes dificuldades. Neste estudo, e através de alguns quadros de leitura que apresentamos, é possível perceber o alcance destas afirmações. Contudo, como vimos na revisão da literatura, estas dificuldades podem advir da própria rejeição, mais ou menos deliberada, da diferença, da incapacidade de compreender o outro diferente, acabando por gerar, muitas vezes, situações de tensão e de conflito. Face a esta realidade, a educação multicultural é cada vez mais urgente, e nessa educação, a escola tem um papel importante pelo que não pode, nem deve descurar esse papel que só a ela cabe.

Constatamos também, que a situação das escolas portuguesas é muito diversificada no que respeita à multiculturalidade e os estudos que têm vindo a ser realizados, bem como os dados estatísticos apresentados provenientes de diversas fontes oficiais, fornecem uma panorâmica global desta realidade, contudo, não permitem para já, sem o necessário estudo, conhecer a realidade de cada escola do país em particular. Ficou claro que a educação multicultural é hoje em dia indispensável em toda a educação. Até mesmo em regiões ou locais onde parece que esta multiculturalidade não é uma realidade dominante, reconhece-se ser importante que se realize uma educação multicultural, confrontando as crianças, adolescentes e jovens com realidades muito diferentes daquelas em que eles vivem e com as quais, poderão algum dia, eventualmente, terem de se confrontar na sua vida, ou até mesmo, pelas realidades que são veiculadas diariamente pelos meios de comunicação social, as quais permitem que se façam questionamentos de vária ordem.

Segundo os autores consultados, percebemos que a educação multicultural deve levar à compreensão das diferenças individuais e culturais, apostando na igualdade de todos os seres humanos e contribuindo para a complementaridade entre os diversos grupos, culturas e etnias e que deve conduzir o ser humano aos caminhos da unidade e da paz. Esta linha de valores orientou parte deste trabalho, e com ele

podemos confrontar o Programa de EMRC. Os valores referidos são, digamos assim, uma bandeira do cristianismo, pelo que consideramos a aula de EMRC presença visível da Igreja na escola, um verdadeiro e autêntico contributo para uma educação multicultural. Por isso, um dos nossos objetivos era o de examinar até que ponto a EMRC contribui para uma educação multicultural.

No estudo empírico debruçamo-nos sobre a metodologia adotada e a análise e discussão de resultados. Procedemos em primeiro lugar, depois de referir as opções, participantes e instrumentos utilizados, à análise do Programa de EMRC. Este constitui um importante documento orientador dos conteúdos e da prática pedagógica da disciplina de EMRC nas escolas.

Verificámos que o Programa desta disciplina não tem a intenção explícita e objetiva de fazer educação multicultural, no entanto, é possível encontrar abordagens de forma clara a este tipo de educação em inúmeras partes do Programa ao longo de todo o seu percurso educativo, nomeadamente, através de ideias e conceitos que conduzem a atitudes de verdadeira construção da fraternidade.

Através da análise mais ou menos detalhada do referido Programa, podemos concluir que os alunos são levados a reconhecer diferenças nos seres humanos, e muitas vezes se apela para esta diferença como um valor. A complementaridade entre as pessoas sobressai sobretudo nos níveis de ensino mais avançados. Contudo, subentende-se que o próprio professor estabeleça essa relação de complementaridade nas aulas. Mesmo que assim o não seja, o aluno acaba por descobrir esse valor através de outros conceitos e de outros valores à medida que vai avançando na idade. A igualdade de todos os seres humanos é amplamente referida e mesmo sublinhada, como o valor da unidade a que todos os seres humanos são destinados. Verificamos existir uma relação muito estreita entre estes elementos e as situações que normalmente decorrem da multiculturalidade.

As entrevistas realizadas procuraram reunir alguns elementos sobre o pensamento e a prática pedagógica dos respondentes, que consideramos designar por informantes-chave, numa tentativa de recolher material que nos pudesse ajudar a compreender melhor os resultados obtidos nos questionários recebidos, e até da produção bibliográfica consultada.

Os entrevistados foram selecionados pela sua competência como profissionais ao serviço da educação e da EMRC a nível escolar e de gestão da disciplina na área da Diocese de Lisboa e a nível nacional, não sendo por assim dizer, representativos da totalidade dos docentes de EMRC. Contudo, é notória a perceção que têm dos princípios fundamentais que norteiam uma educação multicultural. Tanto nestas entrevistas, como nos questionários, é evidente que aqueles que têm nas suas escolas ou no seu meio uma realidade multifacetada e multicultural estão muito mais sensíveis para a necessidade de se fazer uma educação multicultural, e por isso mesmo, estão mais atentos em integrar os alunos provenientes de outras realidades étnicas ou culturais.

Quanto ao questionário aplicado, a população que se pretendia estudar tinha uma dimensão deveras razoável. No entanto, pelas informações recolhidas dos questionários recebidos, não nos é possível generalizar, devido ao número insatisfatório de respostas recebidas, mas mesmo assim é possível realizar a análise dos dados, os quais permitem constatar a existência de uma consciência muito forte por parte dos professores para a necessidade de se fazer uma educação multicultural. A percentagem de alunos na escola que pertencem a minorias étnicas parece ser uma das variáveis mais fortes que levam a que se compreenda a necessidade de se fazer essa educação multicultural e a recorrer a materiais diversificados para atingir esse fim. A experiência do professor com outras culturas parece ser também um fator de peso. Apesar de todos estes aspetos, a análise dos questionários revela uma metodologia muito preconizada no próprio Programa da disciplina de EMRC.

As considerações que acabamos de enunciar permitem formular algumas sugestões:

- No futuro, qualquer revisão do Programa de EMRC, deveria ter em linha de conta esta dimensão muito importante da educação multicultural.
- Nos professores de EMRC verifica-se existir diferentes níveis de sensibilidade para estes problemas e estas questões, pelo que, deveria se proporcionar aos professores ou docentes uma formação contínua para a educação multicultural.
- Pensamos que poderia ser do maior interesse para a educação multicultural, o envolvimento de toda a comunidade educativa. A atividade dos professores

poderia mesmo transcender o âmbito da sala de aula e do espaço escolar, levando cada vez mais a que os alunos possam descobrir através da interação social a capacidade para reconhecer os outros como diferentes e iguais, descobrindo o valor da complementaridade na unidade a que todos somos chamados a construir.

## BIBLIOGRAFIA

Almeida, L. S. & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios.

Bernstein, R. J. (1987). The Varieties of Pluralism. *American Journal of Education*, 95 (4), 509-525. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://pages.uoregon.edu/koopman/courses\\_readings/dewey/bernstein\\_dewey\\_pluralism.pdf](http://pages.uoregon.edu/koopman/courses_readings/dewey/bernstein_dewey_pluralism.pdf).

Buck, P. S. (2004). *Preconceito Racial*. Lisboa: Livros do Brasil.

Carneiro, R. (1998). *Educação e comunidades humanas revivificadas: uma visão da escola socializadora do novo século*. In Jacques Delors (1998). *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez Editora. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura\\_da\\_paz/docs/Dellors\\_alli\\_Relatorio\\_Unesco\\_Educacao\\_tesouro\\_descobrir\\_2008.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/documentos/cultura_da_paz/docs/Dellors_alli_Relatorio_Unesco_Educacao_tesouro_descobrir_2008.pdf).

Clavel, G. (1990). Pour une Pratique Interculturelle. *Études*, 373 (1-2), 51-62. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4420713.image.r=jesus.f51.pagination.langFR>.

Coelho, C. (2005). Da escola confessional à escola plural. In Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica: Vol. 2*. (27-37). Lisboa: SNEC.

Comissão Episcopal da Educação Cristã (1980). Nota Pastoral sobre a Aula de Religião e Moral. In *Igreja, Educação, Escola*. Lisboa: SNEC. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://www.educris.com/v2/102-comissao-episcopal/896-nota-pastoral-sobre-a-aula-de-religiao-e-moral---1980>.

Conferência Episcopal Portuguesa (2002). *Carta Pastoral: Educação, Direito e Dever – missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: CEP. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos>.

Conferência Episcopal Portuguesa (2006). *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: CEP.

Conseil de l'Europe (1991). *Les Relations Intercommunautaires et Interethniques en Europe*. Strasbourg: Conseil de la Coopération Culturelle (CDCC) du Conseil de l'Europe. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.coe.int/t/dg3/migration/archives/documentation/Series\\_Community\\_Relations/MG-CR%20\\_91\\_%201\\_community\\_ethnic\\_relations\\_report\\_fr.pdf](http://www.coe.int/t/dg3/migration/archives/documentation/Series_Community_Relations/MG-CR%20_91_%201_community_ethnic_relations_report_fr.pdf).

Cortesão, L. & Pacheco, N. A. (1991). O Conceito de Educação Intercultural. *Inovação*, 4 (2-3), 33-34. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://hdl.handle.net/10216/56261>.

Cunha, P. O. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Davidson, A. (1992). *Border Curricula and the Construction of Identity: Implications for Multicultural Theorists*. Comunicação apresentada no Encontro Anual da American Educational Research Association, San Francisco CA. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED346096.pdf>.

Delors, J. (Coord.) (2006). *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez Editora. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://proletariosmarxistas.com/docs/Publicacoes%20diversas/Educacao%20-%20um%20tesouro%20a%20descobrir.pdf>.

Delors, J. (Coord.) (2010). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: Faber-Castell. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>.

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2013). *Perfil do aluno 2011/2012*. Lisboa: DGEEC. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=PERFIL\\_DO\\_ALUNO\\_1112.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=PERFIL_DO_ALUNO_1112.pdf).

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2013). *Regiões em números 2011/2012 – Volume III*. Lisboa: DGEEC. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.dgeec.mec.pt/np4/96/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=145&fileName=ReN\\_Vol\\_III\\_Lisboa\\_1112.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/96/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=145&fileName=ReN_Vol_III_Lisboa_1112.pdf).

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2014). *Educação pré-escolar, Ensino Básico e Secundário. Estatísticas diversas*. Lisboa: DGEEC. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/248>.

Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário e Secretariado Coordenador dos Programas da Educação Multicultural (1992). *Guião Orientador da Elaboração de Projectos Interculturais*. Lisboa: DGEBS.

EDUCRIS (2013). *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014 – Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*. Lisboa: SNEC. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.educris.com/v2/centrorecursos/download.php?t=doc&f=01\\_140317114314.pdf](http://www.educris.com/v2/centrorecursos/download.php?t=doc&f=01_140317114314.pdf).

EDUCRIS (s.d.). *Estatísticas de inscrição em EMRC*. Lisboa: SNEC. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://www.educris.com/v2/99-estatisticas-de-inscricao-em-emrc>.

Echer, I. (2001, Julho). A revisão da literatura na construção de um trabalho científico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 22(2), 5-20. Porto Alegre. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/download/4365/2324>.

Estrela, A. (2008). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.

Fear-Fenn, M. (1993). *Bringing Multiculturalism to Vocational Education*. Columbus: Ohio State Dept. of Education. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED355406.pdf>.

Francisco, Papa (2013). *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html).

Francisco, Papa (2013). *Homília da Visita Apostólica ao Brasil por ocasião da 28ª Jornada Mundial da Juventude em 28 de Julho de 2013*. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130728\\_celebrazione-xxviii-gmg.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130728_celebrazione-xxviii-gmg.html).

Francisco, Papa (2014). *Discurso do Papa Francisco em Audiência com a Congregação para a Educação Católica em 13 de Fevereiro de 2014*. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [https://rse.s3.amazonaws.com/uploads/document/file/233/Discurso\\_do\\_Papa\\_Francisco\\_-\\_Audiencia\\_com\\_a\\_Congregacao\\_para\\_a\\_Educacao\\_Catolica.pdf](https://rse.s3.amazonaws.com/uploads/document/file/233/Discurso_do_Papa_Francisco_-_Audiencia_com_a_Congregacao_para_a_Educacao_Catolica.pdf).

Francisco, Papa (2014). *Mensagem do Papa Francisco para a 29ª Jornada Mundial da Juventude de 1 de Junho de 2014*. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco\\_20140121\\_messaggio-giovani\\_2014.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html).

Francisco, Papa (2014). *Mensagem do Papa Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais em 1 de Junho de 2014*. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf).

Fundação Francisco Manuel dos Santos (2012). *População residente por migrações segundo os Censos*. Base de Dados PORDATA. Lisboa: FFMS. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://www.pordata.pt/Municipios/Populacao+residente+por+migracoes+segundo+os+Censos-48>.

Gomes, M. A. (1989). Perfil do Professor de Religião e Moral. *Communio*, VI (1), 88-96.



Gomes, M. Â. (2001). O perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica. In Q. J. P. Silva (Coord.). *Pessoa, Cultura, Fé. Fórum do Ensino Religioso em Portugal*. Torres Novas: SNEC.

Hodder, J. M. (1992). *From Diversity to Identity: Schools Where Everyone Belongs*. Comunicação apresentada no Encontro Anual da Canadian Education Association, Montreal. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED357413.pdf>.

Instituto Nacional de Estatística (2014). Caracterização da população estrangeira a residir em Portugal, com base nos Censos 2011. In *Revista de Estudos Demográficos*, 53. Lisboa: INE. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpu\\_b\\_boui=210786267&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpu_b_boui=210786267&PUBLICACOESmodo=2).

João Paulo II, Papa (1980). *Discurso na Sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO*. Paris, 2 de Junho de 1980. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/1980/june/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19800602\\_unesco\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/june/documents/hf_jp-ii_spe_19800602_unesco_po.html).

João Paulo II, Papa (1989). *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici. Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Lisboa: Edições Paulistas.

Ladmiral, J. R. & Lipiansky, E. M. (1989). *La Communication Interculturelle*. Paris: Armand Colin.

Marques, R. (2000). *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa: Editorial Presença.

Miranda, J. (2001). A legitimidade da Educação Moral e Religiosa na escola do Estado. In Q. J. P. Silva & J. M. Neves (Coord.). *EMRC, um contributo essencial aos desafios educativos. 1º Congresso de Professores de EMRC*. Lisboa: SNEC.

Moreira, A. (2001). O mundo e os desafios à educação. In Q. J. P. Silva (Coord.). *Pessoa, cultura, fé. Fórum do Ensino Religioso em Portugal*. Torres Novas: SNEC.

Nunes, T. S. (2005). O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica. In *Secretariado Nacional da Educação Cristã. Actas do I Fórum de EMRC*, 83-88. Lisboa: SNEC.

Nunes, T. S. (2006). Sobre as finalidades da E.M.R.C. In *Pastoral Catequética*, 5 (2), 75-80. Lisboa: SNEC.

Ouellet, F. (1991). *L'Éducation Interculturelle*. Paris: L'Harmattan.

Paulo VI, Papa (1967). Carta Encíclica *Populorum Progressio*. In Peter Stilwell, Ed. (1993). *Caminhos da Justiça e da Paz. Doutrina Social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa: Rei dos Livros.

Paulo VI, Papa (1967). Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi. In Peter Stilwell, Ed. (1993). *Caminhos da Justiça e da Paz. Doutrina Social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa: Rei dos Livros.

Pereira, F. M. (1993). A Multiplicidade de Culturas em Portugal. In Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural (Ed.), *Escola e Sociedade Multicultural*. Lisboa: SCOPREM.

Pereira, J. (Coord.) (2007). *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Ensinos básico e secundário*. Lisboa: SNEC.

Policarpo, J. C. (1989). Fundamentos Teológicos da Formação Religiosa. *Communio*, VI (1), 26-31.

Postic, M. (2008). *A relação pedagógica*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reiff, J. C. & Cannella, G. S. (1992). *Preparing Teachers for Cultural Diversity: Rhetoric or Reality*. Comunicação apresentada no Encontro Anual de Association of Teacher Educators, Orlando FL. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED350267.pdf>.

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração (1987). *Concílio Vaticano II: Documentos Conciliares e Pontifícios*. Braga: Editorial Apostolado da Oração.

Serralheiro, D. (1989). Especificidade e Características do Ensino Religioso Escolar. *Communio*, VI (1), 32-38.

Silva, Q. P. (2001). A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema Educativo Português. Coleção: *Ensino religioso Escolar, nº3*. In *Actas do I Congresso de Professores de educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC.

Silva, M. C. V. (2008). *Diversidade cultural na escola: Encontros e desencontros*. Coleção Pedagogia e Educação. Lisboa: Edições Colibri.

Sociedade Bíblica Católica Internacional (1995). *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus Ed.

Stilwell, P. (2002). *Caminhos da justiça e da paz. Doutrina Social da Igreja. Documentos de 1891 a 1991*. Lisboa: Rei dos Livros.

Treppte, C. et al (1993). *Multiculturalism in Early Childhood Programs*. Comunicação apresentada no European Forum for Child Welfare, Hamburgo; e na Conferência Anual de National Association for the Education of Young Children, Denver CO. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://ecap.crc.illinois.edu/eecearchive/books/multicul.html>.

Tuckman, B. (2012). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vilaça, I. & Carmona, V. (2006). Os contextos pedagógicos e educativos da EMRC. In A. M. A. Cabral (Coord.). *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade*. Lisboa: SNEC.

## LEGISLAÇÃO

Código de Direito Canónico (*Codex Iuris Canonici*) (1984). Versão portuguesa para a Conferência Episcopal Portuguesa. Braga: Editorial Apostolado da Oração.

Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa (2004). Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://dre.pt/pdf1s/2004/11/269A00/67416750.pdf>.

Constituição da República Portuguesa (2005). In *Diário da República Electrónico*, INCM. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>.

ONU (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos. In *Diário da República Electrónico*, INCM. Consultado em 06 Junho 2014, disponível em <https://dre.pt/util/pdfs/files/dudh.pdf>.

## **ANEXOS**

Anexo 1 – Dados sobre estrangeiros residentes em Portugal

Anexo 2 – Representação de etnias nas escolas portuguesas

Anexo 3 – População residente por migrações (Censo de 2011)

Anexo 4 – Alunos matriculados na disciplina de EMRC

Anexo 5 – Grelha de Análise do Programa de EMRC

Anexo 6 – Guião da entrevista aos informantes-chave de EMRC

Anexo 7 – Entrevista aplicada aos informantes-chave de EMRC

Anexo 8 – Entrevista: grelha para análise de conteúdo das entrevistas

Anexo 9 – Preparação do questionário a aplicar a professores de EMRC

Anexo 10 – Questionário aplicado a professores de EMRC

Anexo 11 – Grelha do questionário aplicado aos professores de EMRC

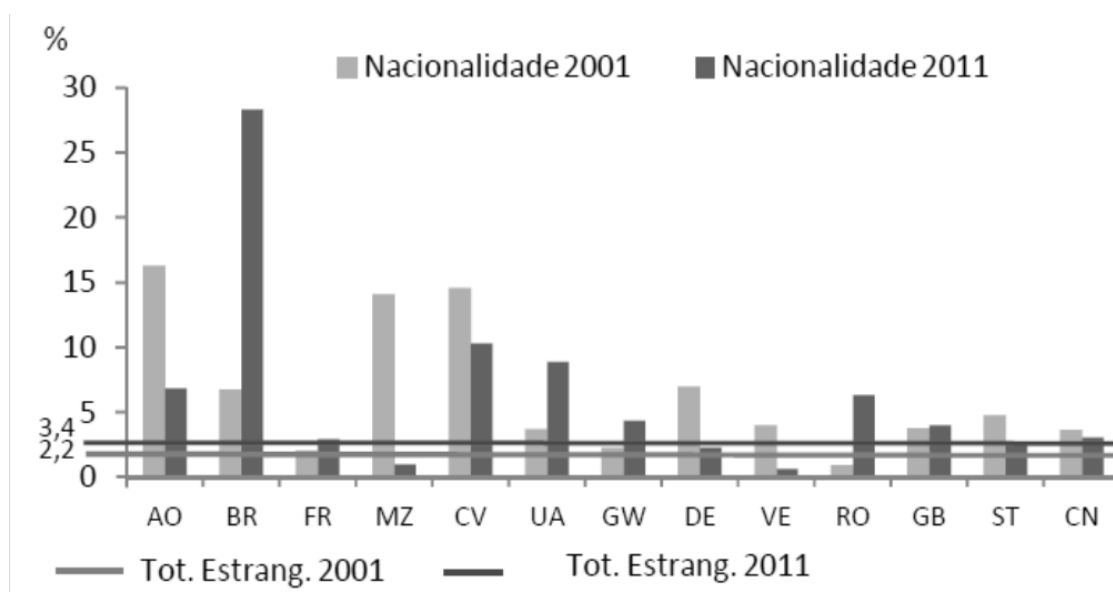
## ANEXO 1 – DADOS SOBRE ESTRANGEIROS RESIDENTES EM PORTUGAL

Tabela 1: Proporção da população de nacionalidade estrangeira por país (primeiros países) – 2001 e 2011.

País	Código	Nacionalidade 2001	Nacionalidade 2011	Nac./Total 2001 (%)*	Nac./Total 2011 (%)*
Angola	AO	37 014	24 723	16,33	6,87
Cabo Verde	CV	33 145	37 081	14,62	10,30
Brasil	BR	31 869	101 991	14,06	28,33
Guiné-Bissau	GW	15 824	15 632	6,98	4,34
França	FR	15 359	10 446	6,77	2,90
Ucrânia	UA	10793	32 014	4,76	8,89
Espanha	ES	9 047	8 873	3,99	2,46
São Tomé e Príncipe	ST	8 517	9 764	3,76	2,71
Alemanha	DE	8 387	8 112	3,70	2,25
Reino Unido	GB	8 227	14 461	3,63	4,02
Roménia	RO	2 661	22 816	1,17	6,34
China	CN	2 176	11 017	0,96	3,06
Total Estrangeiros		226 715	359 969	2,19	3,41
Total Residentes		10 356 117	10 562 178		

\* Proporção da população por país de nacionalidade no total da população estrangeira  
 Fonte: INE (2014), Censos 2001 e 2011

Gráfico 1: Nacionalidade da população residente estrangeira por país (primeiros países) – 2001 e 2011.



Fonte: INE (2014), Censos 2001 e 2011

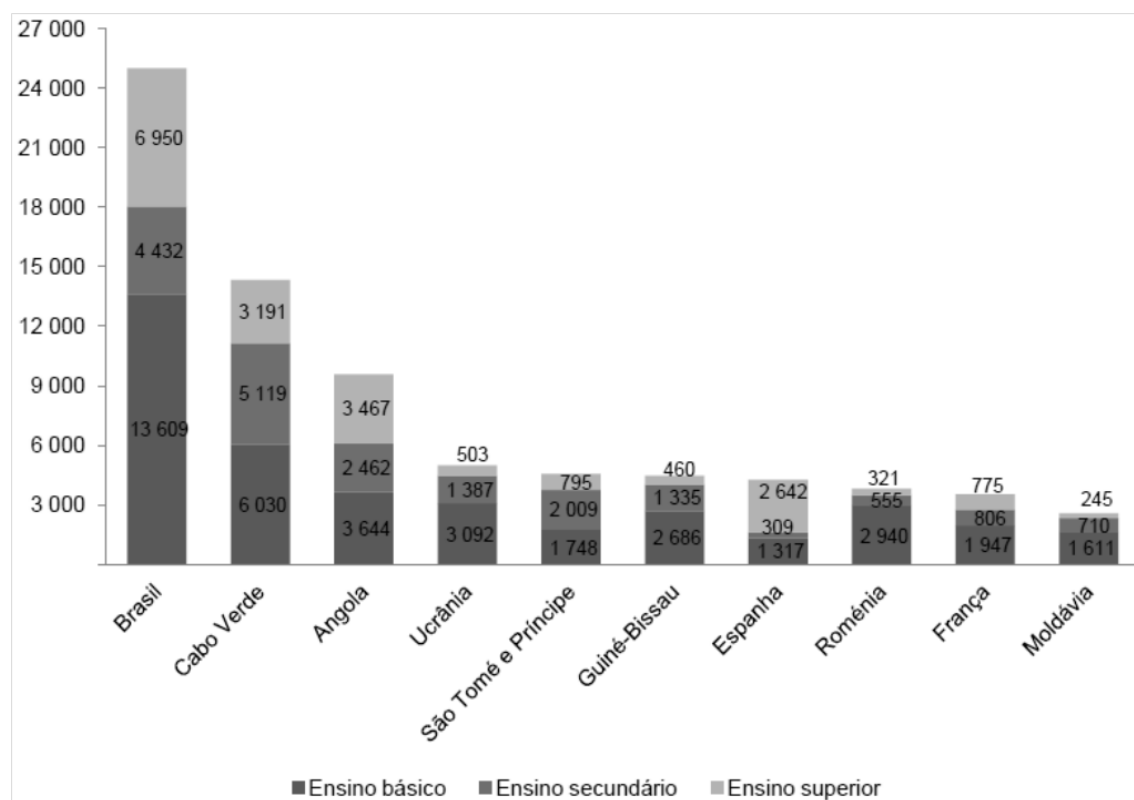
## ANEXO 2 – REPRESENTAÇÃO DE ETNIAS NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

Tabela 2: Alunos matriculados / inscritos em atividades de educação e formação de nacionalidade estrangeira (as 20 mais frequentes), segundo o nível de ensino e o ciclo de estudo, por país de origem.

Nacionalidade	Nível de ensino e ciclo	Total	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior
<b>Total</b>		<b>101 503</b>	<b>49 837</b>	<b>23 305</b>	<b>28 363</b>
Brasil		24 991	13 609	4 432	6 950
Cabo Verde		14 340	6 030	5 119	3 191
Angola		9 573	3 644	2 462	3 467
Ucrânia		4 982	3 092	1 387	503
São Tomé e Príncipe		4 552	1 748	2 009	795
Guiné-Bissau		4 481	2 686	1 335	460
Espanha		4 268	1 317	309	2 642
Roménia		3 816	2 940	555	321
França		3 528	1 947	806	775
Moldávia		2 566	1 611	710	245
Alemanha		2 214	1 063	388	763
China		1 839	1 304	202	333
Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte		1 692	1 233	260	199
Itália		1 502	204	80	1 218
Moçambique		1 344	406	272	666
Suíça		1 302	697	384	221
Países e territórios ignorados		1 265	708	557	
Polónia		906	51	17	838
Rússia		854	434	187	233
Bulgária		784	576	89	119
Outros		10 706	4 537	1 745	4 424

Fonte: DGEEC (2013). *Perfil do aluno 2011/2012*.

Gráfico 2: Alunos matriculados / inscritos em atividades de educação e formação de nacionalidade estrangeira (as 20 mais frequentes), segundo o nível de ensino e o ciclo de estudo, por país de origem.



Fonte: DGEEC (2013). *Perfil do aluno 2011/2012*.

### ANEXO 3 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR MIGRAÇÕES (CENSO DE 2011)

Tabela 3: População residente por migrações segundo o Recenseamento Geral à População de 2011 (Dados da Grande Lisboa e Concelhos limítrofes).

	Total da população	Nº Imigrantes provenientes de outro País	% relativamente à população do Concelho	% relativamente ao total da população imigrante do País
<b>Portugal</b>	10.562.178	81.778	0,80	
<b>Continente</b>	10.047.621	78.435	0,78	96
<b>Amadora</b>	175.136	1.892	1,10	2,30
<b>Cascais</b>	206.479	2.455	1,19	3
<b>Lisboa</b>	547.733	6.524	1,20	8
<b>Loures</b>	205.054	1.779	0,90	2,20
<b>Mafra</b>	76.685	508	0,70	0,60
<b>Odivelas</b>	144.549	1.351	0,90	1,70
<b>Oeiras</b>	172.120	1.469	0,85	1,80
<b>Sintra</b>	377.835	3.467	0,90	4,20

Adaptado da Fonte: INE - XV Recenseamento Geral da População (PORDATA, 2012)



## ANEXO 4 – ALUNOS MATRICULADOS NA DISCIPLINA DE EMRC

Tabela 4: Alunos matriculados na disciplina de EMRC em estabelecimentos de educação e ensino da rede pública do Ministério da Educação e Ciência.

### Ensino público da rede do MEC - *Dados provisórios (Continente)*

	Anos letivos			
	2008/2009	2009/2010	2010/2011	2011/2012
<b>2.º ciclo do Ensino Básico</b>	<b>123 716</b>	<b>119 090</b>	<b>123 150</b>	<b>119 984</b>
<b>Ensino regular</b>	<b>123 689</b>	<b>118 995</b>	<b>123 132</b>	<b>119 883</b>
5.º ano	63 807	61 354	64 158	60 833
6.º ano	59 882	57 641	58 974	59 050
<b>Ensino artístico especializado</b>	<b>27</b>	<b>95</b>	<b>18</b>	<b>101</b>
5.º ano	15	55	12	50
6.º ano	12	40	6	51
<b>3.º ciclo do Ensino Básico</b>	<b>121 894</b>	<b>121 608</b>	<b>127 288</b>	<b>129 930</b>
<b>Ensino regular</b>	<b>121 806</b>	<b>121 488</b>	<b>127 190</b>	<b>129 759</b>
7.º ano	50 166	49 936	50 542	51 660
8.º ano	39 211	39 030	42 246	41 629
9.º ano	32 429	32 522	34 402	36 470
<b>Ensino artístico especializado</b>	<b>11</b>	<b>48</b>	<b>4</b>	<b>61</b>
7.º ano	5	23	2	38
8.º ano	5	6	2	13
9.º ano	1	19	-	10
<b>Cursos CEF</b>	<b>77</b>	<b>72</b>	<b>94</b>	<b>110</b>
<b>Ensino secundário</b>	<b>12 634</b>	<b>13 290</b>	<b>14 934</b>	<b>15 789</b>
<b>Ensino regular</b>	<b>12 603</b>	<b>13 243</b>	<b>14 906</b>	<b>15 742</b>
10.º ano	7 308	7 539	8 572	8 814
11.º ano	3 564	3 874	4 339	4 666
12.º ano	1 731	1 830	1 995	2 262
<b>Ensino artístico especializado</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>4</b>	<b>-</b>
10.º ano	-	-	4	-
11.º ano	-	-	-	-
12.º ano	-	-	-	-
<b>Cursos profissionais</b>	<b>31</b>	<b>47</b>	<b>24</b>	<b>47</b>
1.º ano (10.º ano)	14	20	20	35
2.º ano (11.º ano)	7	18	4	12
3.º ano (12.º ano)	10	9	-	-
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>258 244</b>	<b>253 988</b>	<b>265 372</b>	<b>265 703</b>

Fonte: DGEEC (2014).

## ANEXO 5 – GRELHA DE ANÁLISE DO PROGRAMA DE EMRC

1 – Diferenças (pessoais / culturais)

2 – Igualdade (origem / dignidade / direitos)

3 – Complementaridade (pessoas / grupos / culturas)

4 – Unidade (Interação / solidariedade / fraternidade)

Tabela 5: ocorrências em cada categoria de análise constante do novo Programa de EMRC

Níveis		Diferenças	Igualdade	Complementaridade	Unidade
1º ano	Metas	3	-	-	-
	Objetivos	-	-	-	-
	Conteúdos	-	-	-	-
2º ano	Metas	2	-	-	-
	Objetivos	-	-	-	-
	Conteúdos	-	-	-	2
3º ano	Metas	1	2	-	-
	Objetivos	-	2	-	1
	Conteúdos	-	4	-	1
4º ano	Metas	1	1	-	-
	Objetivos	-	-	-	-
	Conteúdos	3	3	-	1
Total 1º ciclo	Metas	7	3	-	-
	Objetivos	-	2	-	1
	Conteúdos	3	7	-	4
5º ano	Metas	4	1	-	-
	Objetivos	-	1	-	1
	Conteúdos	-	1	-	4
6º ano	Metas	-	-	-	-
	Objetivos	-	3	-	1
	Conteúdos	1	3	-	4
Total 2º ciclo	Metas	4	1	-	-
	Objetivos	-	4	-	2
	Conteúdos	1	4	-	8
7º ano	Metas	4	2	-	-
	Objetivos	-	2	-	-
	Conteúdos	1	3	-	1
8º ano	Metas	1	2	-	-
	Objetivos	-	1	-	3
	Conteúdos	-	1	-	9
9º ano	Metas	1	3	-	-
	Objetivos	-	4	-	-
	Conteúdos	1	5	-	1
Total 3º ciclo	Metas	6	7	-	-
	Objetivos	-	7	-	3
	Conteúdos	2	9	-	11
Secundário	Metas	10	5	-	-
	Objetivos	5	3	-	1
	Conteúdos	16	8	3	9
TOTAL	Metas	27	16	-	-
	Objetivos	5	16	-	7
	Conteúdos	22	28	3	32
TOTAL (Metas/Objetivos/Conteúdos)		54	60	3	39

## ANEXO 6 - GUIÃO DA ENTREVISTA AOS INFORMANTES—CHAVE DE EMRC

### Guião da Entrevista (adaptado de Estrela, 2008)

I. Tema: O contributo da EMRC para uma educação multicultural.

II. Objetivos gerais:

1. Obter elementos que ajudem a esclarecer os conceitos e componentes de uma educação multicultural.
2. Saber se a disciplina de EMRC proporciona uma educação multicultural.
3. Reunir elementos sobre a existência ou não de uma educação para a multiculturalidade na prática pedagógica do entrevistado.

III. Objetivos específicos e estratégias:

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário da entrevista
- A - Legitimação da entrevista e motivação.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Legitimar a entrevista</li><li>• Motivar o entrevistado</li></ul>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Informar em linhas gerais o que se pretende com o trabalho;</li><li>2. Solicitar a colaboração do entrevistado;</li><li>3. Garantir a confidencialidade das informações por ele fornecidas.</li></ol>
- B - Conceito de multiculturalidade.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer a opinião / perceção sobre o conceito de multiculturalidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Pedir ao entrevistado que se pronuncie sobre o conceito de multiculturalidade.<ol style="list-style-type: none"><li>1. Gostaria que se pronunciasse quanto ao conceito que tem de Multiculturalidade.</li></ol></li></ul>
- C - Componentes da educação multicultural.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer as componentes da educação multicultural consideradas mais importantes.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Solicitar ao entrevistado que refira quais as componentes que considera como mais relevantes para uma educação multicultural.<ol style="list-style-type: none"><li>1. Quais as componentes que considera mais importantes para a educação multicultural? Justifique.</li></ol></li></ul>
- D - Educação moral e multiculturalidade.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Perceber a opinião do entrevistado sobre a relevância da multiculturalidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Demandar ao entrevistado a sua opinião sobre o relevo que confere à multiculturalidade na educação moral.<ol style="list-style-type: none"><li>1. Considera a multiculturalidade relevante na Disciplina de Educação Moral? Porquê e como?</li></ol></li></ul>

<p align="center"><b>- E -</b></p> <p align="center">Dificuldades e falhas na educação multicultural.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber a perspetiva do entrevistado sobre as dificuldades e falhas para uma educação multicultural.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inquirir o entrevistado quanto às dificuldades e falhas encontradas na educação para a multiculturalidade.             <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que dificuldades ou falhas tem encontrado para uma educação para a multiculturalidade?</li> </ol> </li> </ul>
<p align="center"><b>- F -</b></p> <p align="center">Contributo da EMRC para a educação para a multiculturalidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a opinião sobre o contributo da EMRC para a multiculturalidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procurar saber a opinião do entrevistado sobre o contributo da EMRC para a educação multicultural.             <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Em que medida considera a disciplina de EMRC um contributo para a educação multicultural? Encontra elementos no Programa e Manuais da Disciplina que ajudem nesta tarefa? Quais? Como os desenvolve?</li> </ol> </li> </ul>
<p align="center"><b>- G -</b></p> <p align="center">Outros elementos sobre o tema.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer outros elementos relevantes e pertinentes para o tema em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sondar o entrevistado sobre outros elementos que considere relevantes.             <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quer acrescentar algum elemento que considere pertinente sobre o tema?</li> </ol> </li> </ul>

## ANEXO 7 – ENTREVISTA APLICADA AOS INFORMANTES – CHAVE DE EMRC

### Formulário desenvolvido

- A. Estou a elaborar uma Dissertação de Mestrado em Educação sobre o seguinte tema: *A Multiculturalidade na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica*.

Pretendemos com esta entrevista obter uma opinião sobre algumas questões que consideramos importantes no âmbito deste estudo, para o que solicitamos a sua colaboração e garantimos a total confidencialidade de todas as informações prestadas.

- B. Gostaria que se pronunciasse quanto ao conceito que tem de Multiculturalidade.
- C. Quais as componentes que considera mais importantes para a educação multicultural? Justifique.
- D. Considera a multiculturalidade relevante na Disciplina de Educação Moral? Porquê e como?
- E. Que dificuldades ou falhas tem encontrado para uma educação para a multiculturalidade?
- F. Em que medida considera a disciplina de EMRC um contributo para a educação multicultural? Encontra elementos no Programa e Manuais da Disciplina que ajudem nesta tarefa? Quais? Como os desenvolve?
- G. Quer acrescentar algum elemento que considere pertinente sobre o tema?

Dados do entrevistado:

Género:

Anos de serviço:

Profissão / Situação profissional:

Função:

## ANEXO 8 – ENTREVISTA: GRELHA PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

<b>Categorias</b>	<b>Sub - Categorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>
<b>Conceito de Multiculturalidade</b>	O conceito que tem de Multiculturalidade.	<p>A- Multiculturalidade é uma realidade em que coexistem princípios, crenças e valores provenientes de diferentes tipos de culturas.</p> <p>B- Conjunto de culturas diferentes que partilham o mesmo espaço (geográfico-social, educativo,...) havendo sempre uma cultura predominante.</p> <p>C- Multiculturalidade é a convivência de pessoas com culturas diferentes.</p>
<b>Componentes da Educação Multicultural</b>	As componentes que considera mais importantes para a educação multicultural e sua justificação.	<p>A- A primeira é a educação para a consciencialização da dignidade de que goza todo o ser humano; a segunda é a consciência da responsabilidade pessoal e coletiva na sua defesa e promoção; seguidamente seria educar para uma apreciação crítica da própria e das outras culturas, à luz desses princípios; por fim, educar para a cooperação com os outros, sejam eles de que cultura for, tendo em vista a promoção dos direitos fundamentais de todo o ser humano.</p> <p>B- Tudo o que tenha a ver com educação para a cidadania e para os valores humanos (tolerância, respeito, direitos e deveres, ....)</p> <p>C- O respeito pela diferença, o reconhecimento de direitos iguais.</p>
<b>Educação Moral e Multiculturalidade</b>	Se considera a multiculturalidade relevante na Disciplina de Educação Moral, porquê e como.	<p>A- A proposta de princípios e valores que, a partir de uma visão específica do mundo e do homem, sejam eles mesmos construtores de uma cultura que promova o Bem da pessoa toda e de todas as pessoas é o que importa numa disciplina desta natureza. Contudo, a maior ou menor prevalência de contextos multiculturais deve ser tida em conta no modo como se apresenta e se desenvolve essa proposta.</p> <p>B- Sim. Não é possível falar de educação integral da pessoa (um dos principais objetivos da EMRC) sem pensar o que é ser pessoa numa sociedade multicultural.</p> <p>C- Muito relevante. Porque é no respeito pelo outro que se baseiam todos os valores transmitidos e os objetivos da disciplina de EMRC.</p>
<b>Dificuldades e falhas na educação multicultural</b>	As dificuldades ou falhas encontradas para uma educação para a multiculturalidade.	<p>A- A educação para a multiculturalidade está incluída numa educação mais abrangente para a justiça, a verdade, a paz e o amor ao próximo, que conduzem à procura do bem e à justa consideração de todas as pessoas, independentemente da sua condição social e cultural. Nessa medida, considero que a ausência de convicções pessoais, o egoísmo, o comodismo, a desconfiança, a ignorância e o preconceito são os principais obstáculos à abertura e ao respeito para com os outros, sobretudo dos que são diferentes.</p> <p>B- A principal falha é um conceito ainda muito em voga de multiculturalidade que considera todas as culturas presentes no mesmo espaço geográfico-social sem que nenhuma dessas culturas predomine sobre as outras. Há sempre uma cultura predominante. A educação e o diálogo multicultural têm que ter em conta a cultura predominante, as suas regras e os seus valores. Uma sociedade não existe sem uma cultura que lhe dá identidade e coesão. Ainda vivemos o mito duma sociedade com culturas diferentes todas com o mesmo nível de predominância.</p> <p>C- A falta de interculturalidade. Ao educar não devemos transformar mas aceitar e respeitar a diferença que nos enriquece a todos.</p>
<b>Contributo da EMRC para a educação para a multiculturalidade</b>	Como considera a disciplina de EMRC um contributo para a educação multicultural, se encontra elementos no Programa e Manuais da Disciplina que ajudem nesta tarefa, quais e como os desenvolve.	<p>A- A EMRC contribui para a educação multicultural precisamente porque desenvolve tanto a compreensão como a promoção da dignidade de cada pessoa, independentemente da sua condição social e cultural. Essa é uma preocupação que percorre todo o programa, nos seus vários temas. Na metodologia que se preconiza para o desenvolvimento do programa existe a preocupação de compreender a situação sociocultural dos alunos, de modo que esse grande objetivo seja devidamente enquadrado e cumprido.</p> <p>B- Há muitos elementos no programa de EMRC que ajudam na educação multicultural.</p> <p>C- Muito importante. Porque esta disciplina trabalha os valores do respeito, da amizade, da tolerância e temas como os direitos humanos e as religiões. Estes temas são desenvolvidos através de jogos e debates que educam para o respeito.</p>

## **ANEXO 9 – PREPARAÇÃO DO QUESTIONÁRIO A APLICAR A PROFESSORES DE EMRC**

Tema: A educação multicultural na EMRC.

Objetivos:

1. Investigar se os professores de EMRC procuram fazer nas suas aulas uma educação multicultural.
2. Obter elementos sobre a prática pedagógica dos professores de EMRC.

Apresentação:

- Apresentação pessoal
- Esclarecimento
  - Do motivo do questionário e da utilização a fazer dele
  - Do anonimato a manter em relação ao respondente e sua escola
  - Da importância de ser o mais fiel possível nas respostas
  - Do prazo para a devolução do questionário
- Agradecimento

Identificação da Escola:

- Local: Distrito, Concelho e Diocese
- Caracterização do meio
- População escolar
- Presença de alunos de outras etnias

Identificação do professor:

- Idade
- Sexo
- Naturalidade
- Habilitações
- Experiência de contato com outras culturas
- Tempo de serviço docente
- Tempo de serviço na atual escola
- Utilização dos manuais adotados

Prática pedagógica:

- Consciência da necessidade de fazer uma educação multicultural
- Tempo dedicado a essa educação
- Forma de agir na prática pedagógica
- Meios e estratégias utilizados
- Materiais usados para a motivação
- Ajuda e apoios
- Motivações
- Resultados observados
- Dificuldades experimentadas
- Apoios encontrados no Programa

## **ANEXO 10 – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORES DE EMRC**

### **QUESTIONÁRIO**

(Professores de EMRC)

#### **APRESENTAÇÃO**

Sou professor de Educação Moral e Religiosa Católica no Patriarcado de Lisboa e estou a preparar uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O tema da dissertação – A Multiculturalidade – pretende estudar a sua relação com a Disciplina de EMRC e os contributos desta disciplina para uma educação multicultural.

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de responder a todas as questões que se seguem, comprometendo-me a garantir total confidencialidade sobre a sua identidade e a da sua escola na utilização que venha a fazer das suas respostas.

Pretende-se que estas respostas correspondam o mais fielmente possível à prática pedagógica das suas aulas, pois só assim será possível fazer o seu tratamento com rigor e obter resultados fiáveis.

Agradeço desde já toda a colaboração que me possa dar, pois a sua opinião é muito importante e a sua colaboração indispensável. Peço-lhe ainda que este questionário, uma vez preenchido, me seja devolvido / enviado até 15 de Dezembro de 2013, através de resposta (em anexo) ao endereço (silviny@gmail.com) pelo qual recebeu o presente Questionário.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Lisboa, 27 de Novembro de 2013

*Silvino Carvalho de Oliveira*



# I – IDENTIFICAÇÃO

## A. Identificação da Escola

### 1. Localização:

Distrito:           ;           Concelho:           ;           Diocese:

### 2. Caracterização do meio (*assinalar com X a resposta adequada*):

#### 2.1. Quanto à localização

- ☐ Urbano  
☐ Suburbano  
☐ Rural

#### 2.2. Quanto ao nível cultural

- ☐ Elevado  
☐ Médio  
☐ Baixo

### 3. População escolar

Níveis	Nº alunos / escola	Nº alunos minorias (a)	Nº alunos EMRC
1º ciclo			
2º ciclo			
3º ciclo			
Secundário			
Total			

(a) *Étnicas*

### 4. Presença de alunos de outras etnias (*numerar por ordem crescente, atribuindo 1 à etnia mais representativa existente na sua escola*):

- |                   |                     |
|-------------------|---------------------|
| ___ Cabo-verdiana | ___ Timorense       |
| ___ Guineense     | ___ Paquistanesa    |
| ___ São-tomense   | ___ Brasileira      |
| ___ Angolana      | ___ Cigana          |
| ___ Moçambicana   | ___ Europa de Leste |
| ___ Indiana       | ___ Outras:         |
| ___ Chinesa       |                     |

## **B. Identificação do Professor:**

5. Idade:
6. Sexo: \_\_\_\_\_
7. Naturalidade:
8. Habilitações: \_\_\_\_\_
9. Experiência de contato com outras etnias: \_\_\_\_
  - 9.1. Tipo de experiência:
  - 9.2. Duração dessa experiência (*assinalar quantos*):

dias	meses	anos
------	-------	------
10. Anos de serviço docente:
11. Anos de serviço na atual escola:
12. Utiliza os Manuais de EMRC adotados: \_\_\_\_
  - 12.1. Se não utiliza, indique quais:

## **II – PRÁTICA PEDAGÓGICA**

*Leia por favor todas as questões antes de iniciar o seu preenchimento.*

13. Considera necessário fazer nas suas aulas uma educação multicultural? \_\_\_\_
  - 13.1. Se respondeu **NÃO**, atribua 1º, 2º e 3º lugares aos aspetos que melhor justificam a sua resposta:

___	A percentagem de alunos da escola pertencentes a minorias não o justifica.
___	Não existe racismo na sociedade portuguesa.
___	Não existe racismo na população local.
___	Não encontra nos seus alunos preconceitos acerca de outras etnias.
___	Não tem alunos pertencentes a minorias étnicas.
___	Não considera que a aula de EMRC seja o espaço próprio para uma educação multicultural.
___	Outra razão: _____.

13.2. Se respondeu **SIM**, atribua 1º, 2º e 3º lugares aos aspetos que melhor justificam a sua resposta:

- \_\_\_ A elevada percentagem de alunos de minorias na escola justifica esta educação.
- \_\_\_ Encontra nos seus alunos preconceitos acerca de outras etnias.
- \_\_\_ Existe racismo na população local.
- \_\_\_ Existe racismo na sociedade portuguesa.
- \_\_\_ Há um número significativo de alunos de minorias étnicas entre os seus alunos.
- \_\_\_ Considera a educação multicultural um elemento integrante da disciplina de EMRC.
- \_\_\_ Outra razão: .

Se respondeu **NÃO** à questão nº 13, termina aqui o preenchimento deste questionário.  
Obrigado pela sua colaboração.

Se respondeu **SIM** à questão nº 13, continue a responder, por favor.

14. Quanto tempo dedica ao longo do ano letivo, a uma educação especificamente multicultural? (*assinalar com X a resposta que melhor corresponde à sua forma de agir*):

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Menos de uma hora | <input type="checkbox"/> Dois temas          |
| <input type="checkbox"/> Uma hora          | <input type="checkbox"/> Uma Unidade Letiva  |
| <input type="checkbox"/> Um tema           | <input type="checkbox"/> Mais de uma Unidade |

15. Como atua na sua prática pedagógica? (atribua 1º, 2º e 3º lugares às frases que melhor correspondem à sua forma de agir nas aulas):

- \_\_\_ Faz o mesmo com todos os alunos para não estabelecer diferenças entre eles.
- \_\_\_ Procura estar mais atento aos alunos de outras etnias.
- \_\_\_ Dedica algum tempo das suas aulas ao conhecimento de outras etnias.
- \_\_\_ Chama a atenção para atitudes incorretas no relacionamento com outras etnias.
- \_\_\_ Fomenta a interacção entre os diversos grupos.
- \_\_\_ Manifesta a sua convicção da igualdade fundamental dos seres humanos.
- \_\_\_ Mostra igual disponibilidade e respeito para com todos.
- \_\_\_ Leva a descobrir a injustiça de preconceitos e estereótipos.
- \_\_\_ Ajuda a desmontar os “racismos” e “nacionalismos (\*)” existentes.
- \_\_\_ Não dedica tempo ao conhecimento de outras etnias para não agravar os “nacionalismos” existentes.
- \_\_\_ Forma grupos homogéneos do ponto de vista cultural para evitar conflitos.
- \_\_\_ Outra atuação: \_\_\_\_\_.

*“Nacionalismos” (\*): Ideologia popular caracterizada pelo sentimento de valorização marcado pela aproximação e identificação com uma nação (wikipédia).*

16. Meios / estratégias a que recorre habitualmente (atribua 1º, 2º e 3º lugares aos meios mais utilizados):

- \_\_\_ Confronta a Bíblia com a vida.
- \_\_\_ Leva a identificar as limitações e valores de cada etnia.
- \_\_\_ Perante sinais de relacionamento difícil, proporciona um diálogo construtivo.
- \_\_\_ Promove o trabalho de grupo como fator de integração.
- \_\_\_ Apoiar-se na Doutrina da Igreja em matéria social.
- \_\_\_ Outros: \_\_\_\_\_.

17. Motiva a partir de materiais originários de outras culturas? \_\_\_\_

Se respondeu **SIM**, atribua 1º, 2º e 3º lugares aos materiais mais utilizados:

- |                       |                       |
|-----------------------|-----------------------|
| ___ Artesanato        | ___ Danças / cantares |
| ___ Textos / poemas   | ___ Lendas / contos   |
| ___ Jogos / diversões | ___ Outros:           |

18. Utiliza elementos que facilitam o conhecimento de outras realidades? \_\_\_\_

Se respondeu **SIM**, atribua 1º, 2º e 3º lugares aos elementos mais utilizados:

- |                                      |                                 |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| ___ Mapas                            | ___ Apresentação de personagens |
| ___ Vídeos                           | ___ Idas ao teatro              |
| ___ Textos                           | ___ Cinema                      |
| ___ Diapositivos / <i>PowerPoint</i> | ___ Artigos de jornais          |
| ___ Dramatizações                    | ___ Internet                    |
| ___ Material áudio                   | ___ Visitas de estudo           |
| ___ Relatos de casos reais           | ___ Outros:                     |

19. Atividades complementares utilizadas (*atribua 1º, 2º e 3º lugares às atividades utilizadas com mais frequência*):

- \_\_\_ Visitas a bairros onde se concentram minorias.
- \_\_\_ Geminação da escola com escola de outro País para intercâmbio cultural.
- \_\_\_ Debates entre personalidades de diferentes origens culturais / étnicas.
- \_\_\_ Convívios de professores, alunos e familiares.
- \_\_\_ Outras: .

20. Ajudas a que recorre para preparar as atividades referidas em 17, 18 e 19 (*atribua 1º, 2º e 3º lugares às entidades a que recorre com mais frequência*):

\_\_\_ Comunidade religiosa

\_\_\_ Outros professores

\_\_\_ Nenhumas

\_\_\_ Pároco

\_\_\_ Pais de alunos

\_\_\_ Outras:

21. As suas motivações para agir como indicou nas questões 13 a 20 são: (*atribua 1º, 2º e 3º lugares às frases que melhor correspondem à realidade*):

\_\_\_ Acreditar que a fraternidade universal é um valor importante.

\_\_\_ Tentar fazer da diferença uma aproximação e não um obstáculo.

\_\_\_ Considerar necessário fomentar a auto-estima de cada um.

\_\_\_ Querer proporcionar a todos um desenvolvimento saudável.

\_\_\_ A convicção cristã de que todos têm a mesma dignidade e direito a um respeito igual.

\_\_\_ A consciência da importância de quebrar os estereótipos para conduzir à unidade.

\_\_\_ Uma forma de estar na vida, decorrente da educação recebida.

\_\_\_ A convicção de que a Igreja proporciona um espaço / experiência de encontro.

\_\_\_ A preocupação de ajudar a integrar (na comunidade escolar e na sociedade), alunos de minorias étnicas / culturais.

\_\_\_ A convicção de que é necessário tender para uma assimilação das minorias na sociedade.

\_\_\_ Outras: .

22. Resultados observados nos alunos no fim de um ano letivo: *(atribua 1º, 2º e 3º lugares às situações mais próximas da realidade observada)*:

- ☐ Alunos de origens diferentes brincam / convivem mais entre si.
- ☐ O diálogo entre alunos de origens diferentes tornou-se mais fácil.
- ☐ Aumentou o número de perguntas sobre outras culturas.
- ☐ O professor / professora é igualmente solicitado por todos os alunos.
- ☐ Os alunos sentem a aula de EMRC como um espaço de encontro entre pessoas diferentes.
- ☐ Os alunos manifestam mais consciência dos valores éticos e cristãos.
- ☐ Os conflitos diminuíram.
- ☐ Os conflitos mantêm-se.
- ☐ Os conflitos quase desapareceram.
- ☐ Os conflitos aumentaram.
- ☐ Um ano é insuficiente para que haja alterações de comportamento significativas.
- ☐ Outros: \_\_\_\_\_.

23. Dificuldades encontradas ao fazer uma educação de tipo multicultural: *(em cada grupo, atribua 1º, 2º e 3º lugares às dificuldades mais frequentes)*:

23.1. Na aula

- ☐ Racismo entre alunos.
- ☐ Intolerância dos alunos uns para com os outros.
- ☐ Aumentou o número de perguntas sobre outras culturas.
- ☐ Alunos que refletem a existência de problemas familiares.
- ☐ Dificuldades de compreensão recíproca (organização social, códigos morais, sistemas de valores, ...).
- ☐ Desconhecimento dos problemas de diferenças culturais nos alunos que têm pouco contato com minorias.
- ☐ Outras: \_\_\_\_\_.

23.2. Na escola

- ☐ Preconceitos manifestados por diversos elementos na comunidade escolar.
- ☐ Inexistência de apoios psicopedagógicos para os alunos.
- ☐ Deficiente programação de atividades extra-curriculares.
- ☐ Outras: .

23.3. Na sociedade

- ☐ Influência dos meios de comunicação no fomentar do racismo.
- ☐ Existência de estereótipos.
- ☐ Racismo e preconceitos latentes na sociedade local.
- ☐ Outras: .

24. Apoios para a educação multicultural nos programas e manuais de EMRC (*atribua 1º, 2º e 3º lugares às frases que considera mais adequadas*):

- ☐ Nenhum: estão todos fora da realidade.
- ☐ Um desafio para encontrar formas concretas de realizar esta educação.
- ☐ Uma oportunidade de diálogo interdisciplinar.
- ☐ Apelos concretos à fraternidade universal.
- ☐ Identificação de valores cristãos que são hoje valores universais.
- ☐ Proposta de conteúdos em ordem à formação pessoal e social.
- ☐ Temáticas, conteúdos, valores propostos contribuem para uma educação multicultural.
- ☐ Outros: .



25. Indique as Unidades e/ou Temas que considera mais importantes na educação multicultural:

Nº	Unidade	Ano	Nº	Tema	Ano
—		—			—
—		—			—
—		—			—
—		—			—
—		—			—
—		—			—

26. A presença da disciplina de EMRC na escola é vista como um contributo importante para a educação multicultural? (assinale com **X** as respostas que considera adequadas):

Por si	<input type="checkbox"/>
Pelos alunos	<input type="checkbox"/>
Pelas famílias dos alunos	<input type="checkbox"/>
Pela Direção da escola / Agrupamento	<input type="checkbox"/>
Pelos outros professores	<input type="checkbox"/>
Pelos funcionários não docentes	<input type="checkbox"/>

27. Utiliza habitualmente os Guias Pedagógicos que acompanham os Manuais de EMRC? \_\_\_\_

27.1. Se respondeu **NÃO**, atribua 1º, 2º e 3º lugares às frases que melhor justificam a sua resposta:

- \_\_\_ Não contêm elementos que ajudem na preparação das aulas.
- \_\_\_ Os manuais já contêm atividades concretas e elementos suficientes.
- \_\_\_ Os modelos de teste não são facilmente compreendidos pelos alunos.
- \_\_\_ Outra razão: \_\_\_\_\_.

27.2. Se respondeu **SIM**, atribua 1º, 2º e 3º lugares às frases que melhor justificam a sua resposta:

\_\_\_ Ajudam bastante na preparação das aulas.

\_\_\_ Têm sugestões concretas de atividades úteis.

\_\_\_ Os modelos de testes constituem instrumentos de avaliação adequados.

\_\_\_ Outra razão: \_\_\_\_\_.

28. Observações suplementares: \_\_\_\_\_.

Obrigado mais uma vez pela sua colaboração!

## ANEXO 11 – GRELHA DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE EMRC

	CASOS								MÉDIA
QUESTÕES	1	2	3	4	5	6	7	8	
<b>1 (Concelho)</b>	Lisboa	Cascais	Lisboa	Loures	Mafra	Alenquer	Torres Vedras	Loures	Lisboa – 2 Loures – 2 Cascais – 1 Mafra – 1 Alenquer – 1 Torres Vedras - 1
<b>2.1 (meio local)</b>	Urbano	Urbano	Urbano	Urbano	Suburbano	Rural	Urbano	Suburbano	Urbano – 5 Suburbano – 2 Rural - 1
<b>2.2 (meio cultural)</b>	Médio	Elevado	Elevado	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio – 6 Elevado - 2
<b>3 (alunos escola)</b>	267	158	630	2478	1524	579	0	1577	901,625
<b>3 (alunos minorias)</b>	0	11	35	129	277	10	7	50	64,875
<b>3 (alunos EMRC)</b>	87	0	303	333	195	389	289	352	243,5
<b>4 (outras etnias)</b>	0	Cabo-Verdiana Angolana Moçambicana Brasileira Europa Leste Chinesa	Chinesa, Indiana, Angolana, Europa-Leste	Timorense, Europa-Leste, Brasileira, Cabo-Verdiana, Guineense, Angolana	Europa-Leste, Cigana, Brasileira, Cabo-Verdiana, Guineense, São-Tomense	Europa-Leste, Brasileira	Cigana, Brasileira, Europa-Leste	Cabo-Verdiana, Brasileira, Guineense, Angolana, Moçambicana, Europa-Leste, São-Tomense, Indiana	Europa Leste - 7 Brasileira - 6 Cabo-Verdiana - 4 Angolana - 4 Guineense - 3 Moçambicana - 2 Chinesa - 2 Indiana - 2 Cigana - 2 São-Tomense - 2 Timorense - 1
<b>5 (idade)</b>	62	39	43	54	36	41	27	38	42,5
<b>6 (sexo)</b>	F	F	M	M	M	M	F	M	M – 5 F – 3
<b>7 (naturalidade)</b>	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
<b>8 (habilitações)</b>	L	Outra	L+FE	L	L+FE	L	L+FE	L+FE	L (Licenciatura) – 3 L + FE (Formação Especializada) – 4 Outra - 1

<b>9</b> <b>(experiência etnias)</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim – 6 Não – 2
<b>9.1</b> <b>(tipo experiência)</b>	Escola	Escola	Não	Lecionação, alfabetização, voluntariado	Grupos jovens	0	0	0	Escola – 2 Não / 0 – 4 Outras - 2
<b>9.2</b> <b>(duração experiência)</b>	3	11	0	35	5	0	1	0	6,875
<b>10</b> <b>(anos serviço total)</b>	4	11	16	32	7	10	3	9	11,5
<b>11</b> <b>(anos serviço escola)</b>	3	11	14	32	1	8	1	5	9,375
<b>12</b> <b>(manuais EMRC)</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>13</b> <b>(educação Multicult.)</b>	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim – 6 Não – 2
<b>13.1</b> <b>(não edu. mult.)</b>	Não existe racismo Não tem minorias Não preconceitos	0	0	0	0	Não tem minorias	0	0	(Nulo)
<b>13.2</b> <b>(sim edu. mult.)</b>	0	Educação Multicultural Integrante, Racismo na sociedade, Alunos de minorias	Educação Multicultural Integrante, Preconceitos, Racismo na sociedade	Educação Multicultural Integrante, Alunos de minorias, Preconceitos	Educação Multicultural Integrante, Alunos de minorias.	0	Educação Multicultural Integrante, Preconceitos, Racismo na sociedade	Educação Multicultural Integrante, Educação é multicultural, Racismo na sociedade	Educação Multicultural é Integrante - 6 Há racismo na sociedade portuguesa - 4 Nº significativo de alunos de minorias - 3 Alunos com preconceitos de outras etnias - 3
<b>14</b> <b>(tempo edu. Multic)</b>	0	1 Tema	2 Temas	+ de 1 Unidade	1 Tema	0	+ de 1 Unidade	1 Tema	1 Tema
<b>15</b> <b>(prática pedagógica)</b>	0	Interação grupos, Igualdade seres humanos, Disponibilidade e respeito	Igualdade seres humanos, Descobrir injustiças e preconceitos, Desmontar racismos	Igualdade seres humanos, Atenção atitudes incorretas, Descobrir injustiças e preconceitos	Interação grupos, Igualdade seres humanos, Descobrir injustiças e preconceitos	0	Faz o mesmo com todos, Atenção atitudes incorretas, Interação grupos	Igualdade seres humanos, Disponibilidade e respeito, Interação grupos	Convicção da igualdade dos seres humanos - 5 Atenção atitudes incorretas no relacionamento - 2 Descobrir a injustiça de preconceitos - 3 Fomenta interação de diversos grupos - 4 Disponibilidade e respeito para com todos - 2 Desmontar racismos e nacionalismos - 1 Faz o mesmo com todos os alunos - 1
<b>16</b> <b>(meios/estratégias)</b>	0	Trabalho grupo Diálogo	Bíblia, Doutrina da Igreja, Limitações e valores	Proporciona diálogo, Bíblia, Doutrina da Igreja	Bíblia, Doutrina da Igreja, Limitações e valores	0	Promove trabalho grupo, Proporciona diálogo, Doutrina da Igreja	Promove trabalho grupo, Proporciona diálogo, Limitações e valores	Promove trabalho de grupo para a integração - 3 Proporciona um diálogo construtivo - 4 Identificar limitações e valores de cada etnia - 3 Apoia-se na Doutrina da Igreja - 4 Confronta a Bíblia com a vida - 3
<b>17</b> <b>(materiais originais)</b>	0	Não	Sim	Sim	Não	0	Sim	Não	Sim – 3 Não – 3
<b>18</b> <b>(outros meios)</b>	0	Não	Sim	Sim	Sim	0	Sim	Não	Sim – 4 Não – 2
<b>19</b> <b>(atividades complementares)</b>	0	Debates Convívios Visitas	Visitas locais culto, Debates, Visitas a bairros	Visitas a bairros, Debates, Convívios professores	0	0	Convívios professores, Debates	Convívios professores	Debates com personalidades de diferentes etnias - 4 Convívios de professores, alunos e familiares - 4 Visitas - 1 Visitas a locais de culto - 1 Visitas a bairros de minorias - 2

<b>20 (ajudas)</b>	0	Outros professores	Comunidade Religiosa, Outros professores, Pais de alunos	Pais de alunos, Comunidade religiosa, Internet	0	0	Outros professores, Comunidade Religiosa, Pais de alunos	Outros professores	Comunidade Religiosa - 3 Outros professores - 4 Pais de alunos - 3 Internet - 1
<b>21 (motivações)</b>	0	Aproximação, Fraternidade, Mesma dignidade	Fraternidade, Mesma dignidade, Forma estar na vida	Fomentar autoestima, Quebrar Estereótipos, Ajudar a integrar	Fraternidade, Diferença é aproximação, Quebrar Estereótipos	0	Mesma dignidade, Quebrar Estereótipos, Ajudar a integrar	Mesma dignidade, Fraternidade, Ajudar a integrar	Diferença, aproximação e não obstáculo - 2 Acreditar que a fraternidade é um valor - 4 Todos têm a mesma dignidade e direitos - 4 Uma forma estar na vida - 1 Necessário fomentar a autoestima de cada um - 1 Importante quebrar estereótipos para a unidade - 3 Ajudar a integrar alunos de minorias - 3
<b>22 (resultados)</b>	0	Professor Igualmente Solicitado, Mais consciência valores, Aumenta perguntas	Mais perguntas, EMRC é encontro, 1 ano é insuficiente	Professor Igualmente Solicitado, Diálogo, EMRC é encontro	EMRC é encontro, Mais consciência valores, éticos e cristãos, Mais perguntas	0	Mais consciência valores éticos e cristãos, Convivem mais, Diálogo mais fácil	EMRC é encontro, Diálogo mais fácil, 1 ano é insuficiente	Professor igualmente solicitado por todos - 2 + Consciência dos valores éticos e cristãos - 3 Aumenta perguntas sobre outras culturas - 3 Aula de EMRC como espaço de encontro - 4 1 Ano é insuficiente para haver alterações - 2 Diálogo entre alunos diferentes + fácil - 3 Alunos brincam e convivem mais - 1
<b>23.1 (dificuldades aula)</b>	0	0	Desconhecimento, Dificuldades Compreensão, Mais perguntas	Problemas familiares, Intolerância, Dificuldades Compreensão	Dificuldades Compreensão, Problemas Familiares, Mais perguntas	0	Problemas familiares, Intolerância, Desconhecimento	Desconhecimento, Dificuldades Compreensão, Mais perguntas	Desconhecimento das diferenças culturais - 3 Dificuldades de compreensão recíproca - 4 Aumentou perguntas sobre outras culturas - 3 Alunos refletem problemas familiares - 3 Intolerância dos alunos uns com os outros - 2
<b>23.2 (dificuldades escola)</b>	0	0	Preconceitos, Deficiente programação, Inexistência apoios	Inexistência apoios, Deficiente programação, Preconceitos	0	0	Preconceitos, Inexistência apoios, Deficiente programação	Deficiente programação, Inexistência apoios	Preconceitos de diversos elementos - 3 Deficiente programação de atividades - 4 Inexistência de apoios psicopedagógicos - 4
<b>23.3 (na sociedade)</b>	0	Racismo, preconceitos, Estereótipos, Os média e racismo	Estereótipos, Os média, Preconceitos sociedade	Estereótipos, Racismo, preconceitos, Os média	0	0	Estereótipos, Racismo, preconceitos, Os média	Estereótipos	Racismo e preconceitos na sociedade - 3 Existência de estereótipos - 5 Meios de comunicação fomentam racismo - 4
<b>24 (apoios EMRC)</b>	0	Conteúdos FPS, Fraternidade Universal, Valores cristãos	Apelos fraternidade, Contributo d valores, Valores cristãos	Contributo d valores, Apelos fraternidade, Diálogo interdisciplinar.	Diálogo interdisciplinar, Apelos fraternidade, Valores cristãos	0	Contributo d valores, Apelos fraternidade, Diálogo interdisciplinar.	Valores cristãos, Apelos fraternidade, Conteúdos FPS	Conteúdos em ordem à FPS - 2 Apelos à fraternidade universal - 6 Identificação de valores cristãos - 4 Contributo de valores, temáticas e conteúdos - 3 Oportunidade para diálogo interdisciplinar - 3
<b>25 (unidades temáticas)</b>	0	Dignidade vida humana, Ecumenismo, Amor humano, Projeto de vida	5º, Unid.4, 5º, Unid.5, 6º, Unid.1, 7º, Unid.2, 9º, Unid.1, Secundário - unid.4	5º, Unid.4, 5º, Unid.5, 6º, Unid.4, 9º, Unid.1	1º, Coração bondoso, 2º, Deus é Amor, 3º, Respeitar outros, 4º, Crescer diversidade, 5º, Promover concordia, 6º, Pessoa humana	0	1º, Unid.3, 2º, Unid.3, 3º, Unid.1, 4º, Unid.3	5º, Jesus, um homem, 5º, Fraternidade, 5º, Caminhar grupo, 6º, Pessoa humana, 6º, Dignidade humana, 7º, Construir paz,	1º Ter um coração bondoso - 2 2º Deus é Amor - 2 3º Respeitar os outros - 2 4º Crescer na diversidade - 2 5º Caminhar em grupo - 2 5º Jesus, um homem para os outros - 1 5º A fraternidade - 3 5º Promover a concordia - 3 6º Pessoa humana - 3 6º Dignidade humana - 3 7º Construir a paz - 1 Dignidade da vida humana - 3 Ecumenismo - 1 Amor humano - 1 Projeto de vida - 1

<b>26</b> <b>(contributo EMRC)</b>	0	Professor, Alunos, Escola, Outros professores	Todas as opções	Todas as opções	Todas as opções	0	Professor, Alunos, Famílias, Escola	Professor	Pelo professor - 6 Pelos alunos - 5 Pela Direção da Escola / Agrupamento - 5 Pelos outros professores - 4 Pelas famílias dos alunos - 4 Todas as opções - 3
<b>27.1</b> <b>(manuais EMRC não)</b>	0	Manuais já contém	0	0	0	0	0	Manuais já contém, Não têm elementos que ajudem	Manuais já contém atividades concretas - 2 Não ajudam na preparação das aulas - 1
<b>27.2</b> <b>(manuais EMRC sim)</b>	0	0	Ajudam preparação Aulas, Sugestão atividades, Testes adequados	Sugestão atividades, Ajudam preparação Aulas, Testes adequados	Ajudam preparação Aulas, Sugestão Atividades, Testes adequados	0	Ajudam preparação Aulas, Sugestão Atividades	0	Ajudam na preparação das aulas - 4 Sugestões concretas de atividades - 4 Testes de avaliação são adequados - 3
<b>28</b> <b>(observações)</b>	0	2 turmas: 8ª e 9ª	0	0	0	0	0	0	

